

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**CULTURA JUVENIL FEMINISTA RIOT GRRRL EM SÃO
PAULO**

ÉRICA ISABEL DE MELO

ÉRICA ISABEL DE MELO

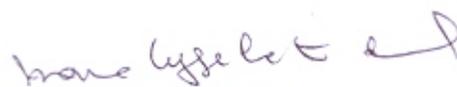
“CULTURA JUVENIL FEMINISTA RIOT GRRRL EM SÃO PAULO”

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Profa. Dra. Maria Lygia Quartim de Moraes

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 09/06/2008

BANCA

Profa. Dra. Maria Lygia Quartim de Moraes (Orientadora)



Profa. Dra. Adriana Piscitelli



Profa. Dra. Lucila Scavone



Prof. Dra. Iara Beleli (suplente)

Prof. Dra. Cynthia Andersen Sarti (suplente)

JUNHO / 2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

M491c **Melo, Érica Isabel de**
 Cultura juvenil feminista Riot Grrrl em São Paulo política /
 Érica Isabel de Melo. -- Campinas, SP : [s. n.], 2008.

Orientador: Maria Lygia Quartim de Moraes
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Feminismo. 2. Juventude – São Paulo (SP). 3. Cultura.
I. Moraes, Maria Lygia Quartim de. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

(cn/ifch)

Título em inglês: Youth culture feminist Riot Grrrl in Sao Paulo

Palavras chaves em inglês (keywords) :

Feminism
Youth – Sao Paulo (SP)
Culture

Área de Concentração: Sociologia da Cultura

Titulação: Mestre em Sociologia

Banca examinadora: Maria Lygia Quartim de Moraes, Adriana Piscitelli,
Lucila Scavone, Iara Beleli, Cynthia Sarti

Data da defesa: 09-06-2008

Programa de Pós-Graduação: Sociologia

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Lygia Quartim de Moraes pela orientação rica e construtiva durante os dois anos em que realizei este mestrado.

Às professoras Adriana Piscitelli e Lucila Scavone por aceitarem participar da banca de exame da dissertação.

Aos meus pais, Maria e Djacir, por todo apoio durante minha trajetória de estudos, à Heloisa e à Mariana pelo carinho e incentivo, à Giovanna, minha amiga-interlocutora de discussões feministas, ao Roberto, amigo de angústias e risadas do mestrado.

Ao Grupo de Estudos de Gênero da Unicamp onde pude aprofundar meus estudos sobre as relações de gênero.

Agradeço especialmente às garotas que aceitaram participar da pesquisa: Elisa, Anelise, Claudia, Débora, Marcela, Danielle e Ana Carolina. Sem vocês nada teria sido possível

A pesquisa contou com o auxílio financeiro do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), fundamental para a realização deste trabalho.

RESUMO

Esta pesquisa é uma análise sobre a configuração de um feminismo, na cidade de São Paulo, de uma cultura juvenil originalmente vinculada à cultura punk, mas que constituiu características específicas pelas quais podemos analisá-la de forma independente. Trata-se da cultura juvenil feminista riot grrrl. São jovens garotas que, ao associar música e política, questionam, denunciam e desconstroem as relações desiguais de gênero e suas conseqüências, em especial as relativas à juventude, e constroem, a partir de uma linguagem e de práticas, uma identidade feminista.

PALAVRAS-CHAVE: FEMINISMO, CULTURA JUVENIL, SÃO PAULO, BRASIL

ABSTRACT

This research is an analysis on the setup of a feminism in the city of São Paulo, a youth culture originally linked to punk culture, but that was specific characteristics by which we can examine it independently. It is the youth culture feminist riot grrrl. They are young girls that, by linking music and politic, questioning and complain of unequal gender relations and its consequences, in particular those relating to youth, and build from a language and practice, a feminist identity

KEYWORDS: FEMINISM, YOUTH CULTURE, SAO PAULO, BRAZIL.

SUMÁRIO

<u>APRESENTAÇÃO.....</u>	<u>10</u>
<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>14</u>
<u>Definição do objeto – riot grrrl.....</u>	<u>14</u>
<u>Fontes e metodologia.....</u>	<u>23</u>
<u>CAPÍTULO 1.....</u>	<u>30</u>
<u>JUVENTUDE.....</u>	<u>30</u>
<u>1.1 Subculturas, Tribos Urbanas, Culturas Juvenis.....</u>	<u>30</u>
<u>1.2 Juventude como categoria social e como objeto de investigação.....</u>	<u>32</u>
<u>1.3 A perspectiva de gênero nos estudos sobre a cultura juvenil punk.....</u>	<u>34</u>
<u>1.4 Cultura juvenile punk.....</u>	<u>36</u>
<u>CAPÍTULO 2.....</u>	<u>46</u>
<u>FEMINISMOS.....</u>	<u>46</u>
<u>2.1 A condição de possibilidade do feminismo.....</u>	<u>46</u>
<u>2.2 Feminismo no Brasil – século XIX.....</u>	<u>52</u>
<u>2.3 Feminismos dos anos 1960.....</u>	<u>56</u>
<u>2.4 Feminismos durante a ditadura militar no Brasil.....</u>	<u>63</u>
<u>2.5 Partidarização e institucionalização do feminismo brasileiro.....</u>	<u>68</u>
<u>CAPÍTULO 3.....</u>	<u>71</u>
<u>FEMINISMOS: IDADE/GERAÇÃO E JUVENTUDE.....</u>	<u>71</u>
<u>3.1 Idade/geração.....</u>	<u>71</u>
<u>3.2 Juventude e feminismo.....</u>	<u>79</u>
<u>CAPÍTULO 4.....</u>	<u>83</u>
<u>FEMINISMO RIOT GRRRL.....</u>	<u>83</u>

<u>4.1 Cultura juvenil feminista – linguagem e personalidade.....</u>	<u>83</u>
<u>4.2 Sexualidades e gêneros - Desestabilização das identidades fixas.....</u>	<u>91</u>
<u>4.3 Empoderamento rock-feminista.....</u>	<u>96</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</u>	<u>105</u>
<u>ANEXOS.....</u>	<u>109</u>
<u>LISTA DE FONTES.....</u>	<u>117</u>
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</u>	<u>119</u>

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Kathleen Hanna – Banda Bikini Kill.....	109
Figura 2 - Banda Bratmobile.....	109
Figura 3 - Banda Bikini Kill.....	110
Figura 4 - Banda L7.....	110
Figura 5 - Beijo lésbico no Lady Fest 2007.....	111
Figura 6 - Dominatrix.....	111
Figura 7 - Débora e Claudia.....	112
Figura 8 - Flyer do Projeto Sapataria.....	112
Figura 9 - Festa Sapataria.....	113
Figura 10 - Zine Com Texto.....	114
Figura 11 - Projeto Santa Claus.....	115
Figura 12 - Informativo da Oficina Consenso Sexual para Jovens Lésbicas.....	115
Figura 13 - Hysterocracy zine.....	116

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa é uma análise sobre a configuração de um feminismo, na cidade de São Paulo, de uma cultura juvenil originalmente vinculada à cultura punk, mas que constituiu características específicas pelas quais podemos analisá-la de forma independente. Trata-se da cultura juvenil feminista *riot grrrl*. São jovens garotas que, ao associar música e política, questionam, denunciam e desconstroem as relações desiguais de gênero e suas conseqüências, em especial as relativas à juventude, e constroem, a partir de uma linguagem e de práticas, uma identidade feminista.

Analisar como esse feminismo, novo de cara e de formato, tem se constituído, quais são suas especificidades, suas perspectivas e seus anseios foram as orientações desta investigação. Em outras palavras, a motivação desta pesquisa foi compreender o significado de feminismo para essas jovens mulheres engajadas e musicistas. Em uma conjuntura pós-70 em que parece predominar uma noção triunfalista de que “as mulheres conquistaram seu espaço” e de que o feminismo é algo ultrapassado, parece-me oportuno analisar de que forma essas jovens feministas têm se constituído, remodelando e apropriando-se do feminismo pautado nas experiências e visão de mundo da juventude.

Para tanto, este processo de análise exigiu considerar o acúmulo de conquistas e avanços nas discussões e nas negociações das relações de gênero proporcionado pelas feministas precedentes para que se pudesse compreender se há novas questões para as feministas *riot grrrls*. Também assim para percebermos de que forma as velhas demandas feministas são por elas trabalhadas.

Ao considerar neste estudo as mulheres jovens, busquei me inserir nos debates que questionam a categoria “mulher” como homogênea, dotada de um valor próprio que fixa a oposição homem-mulher, passível de ser definida a partir das “diferenças sexuais”. Ao tratar também da concepção feminista da cultura *riot grrrl*, esta análise afirma não só a existência de “mulheres” como também de “feminismos”. Ou seja, busco adentrar nos debates das teorias feministas contemporâneas, que hoje, em grande parte, se debruçam sobre temas como a possibilidade de um sujeito feminista e sua representatividade. As particularidades que desafiam a categoria “mulher” – a mulher lésbica, a mulher negra e, no nosso caso, a mulher jovem, obrigaram o movimento feminista a repensar a unidade e a representação que propunham.¹

Uma informação sobre a relação objeto-pesquisadora não pode ser furtada nesta apresentação: a cultura juvenil feminista *riot grrrl* é mais do que um objeto de pesquisa para mim, é objeto de vida. Minha aproximação com o feminismo se deu da mesma forma que ocorreu com as garotas aqui pesquisadas: através da música e dos zines². Antes, até sabia o significado de feminismo e já não achava má idéia. Mas a identificação só aconteceu quando percebi que, além de cotas parlamentares ou da dupla jornada de trabalho, o feminismo também se aplicava à minha experiência pessoal, às desigualdades que enfrentava pela minha condição de mulher e pela minha condição de jovem, ou seja, de temas que se referiam diretamente à família, à escola, à sexualidade, às amigas e aos amigos; só então me assumi feminista.

Foi um feminismo que me chegou de forma pouco ortodoxa, através do rock. Já gostava do estilo de música e circulava por esse meio de bandas de garagem, de zines e de shows

¹ Conferir BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003

² Tipo de publicação amadora, produzido artesanalmente e sem fins lucrativos. Zine é a abreviatura de Fanzine (Fanatic + Magazine), surge nos Estados Unidos, na década de 30, feito por fãs de literatura de ficção científica. Foi retomado pela cultura punk, na década de 70 e é o principal veículo de comunicação de toda a cultura underground.

em Goiânia. Até que, num dia, um amigo me entregou um zine, “um zine de meninas” ele disse. Levei para casa e, à medida que lia, identificava-me com aqueles textos que criticavam a misoginia da cena *underground*³ de bandas só de homens, de zines só de homens e de mulheres que enfrentavam uma grande resistência dos homens quando se propunham a fazer o que só eles, os homens, faziam. O zine ainda instigava as mulheres a se unirem para mudar essa situação “machista”, de forma que pudéssemos ser incluídas. Dei-me conta de que aquilo tinha tudo a ver com a minha experiência: namorava um rapaz que tinha banda, tinha amigos que também tinham bandas, outros que produziam eventos, outros que escreviam zines, enquanto para mim sobrava o lugar de público, de platéia, de mera espectadora de um ambiente que carrega como lema o “faça você mesmo”. E as mulheres? Uma ou outra estava numa banda ou escrevia algo, mas seu gênero nunca escapava quando era observada: “Olha, essa menina toca guitarra como um homem!”. Uma frase que, assim como afirmaram as garotas que pesquisei, ouvi inúmeras vezes.

Temos aqui uma pesquisa que se confunde com a vida da pesquisadora. Ora mais, ora menos, mas não se pode perder de vista essa informação. A pretensão à objetividade, em especial nas ciências sociais e ciências humanas, há muito é questionada, e suas implicações são conhecidas. A subjetividade não é uma escolha, mas uma condição de qualquer pesquisadora. Ainda assim, deve-se levar em conta que o caráter pessoal deste estudo está um tanto ressaltado.

A relação familiaridade-estranhamento com o objeto foi uma parte delicada no desenvolvimento da pesquisa, em vários aspectos. Por vezes, a familiaridade acostumou o meu olhar e fatos relevantes me escaparam por parecerem óbvios. Não foram poucas as situações em que desejei uma observação mais distanciada e, claro, tive que me conformar com a sua

³ Underground (“subterrâneo”, em inglês) é utilizado para se referir às produções artísticas que se propõem a manifestar-se fora do circuito comercial, como, por exemplo, assinar contratos com grandes gravadoras ou produzir músicas para atender à uma “moda”. Contrário ao *mainstream* (“corrente principal”, em inglês), este termo é relacionado à arte voltada para a “cultura de massas”.

impossibilidade. Mais do que conformar, tive que trabalhar com essa condição, prestar mais atenção no meu juízo de valor, problematizando a minha relação particular com o tema. Não há dúvidas de que por mais cuidadosa que eu tenha sido, devo lembrar que o *riot grrrl* é uma parte importante da minha formação política e, sendo assim, peço desculpas de antemão se em algum momento a minha análise soar muito apaixonada.

Considerando toda a cautela necessária, a familiaridade permitiu uma facilidade de circular pelo campo, de me aproximar das garotas, de saber aonde ir, de conseguir materiais. Em outras palavras, eu “estava em casa”. E o melhor, as garotas aprovaram e acharam importante o trabalho que eu desenvolvia, contei com a imediata cooperação, ajuda e apoio de todas de quem me aproximei.

Dois fatores, entretanto, possibilitaram a esta análise certo distanciamento: o tempo e o espaço. Estive muito envolvida pessoalmente com o *riot grrrl* dez anos atrás; escrevi zines, tentei ter uma banda e não perdia um show. Hoje, ainda aprecio toda essa movimentação, mas não com o mesmo envolvimento. Outro fator é que vivenciei tudo isso em Goiânia, lugar bem diferente de onde realizei minha pesquisa, São Paulo.

Uma incursão nos fatores que propiciaram o surgimento de um feminismo juvenil, é condição para a análise do *riot grrrl*. Para tanto, abordaremos os estudos sobre juventude, em especial os que tratam da categoria juvenil punk, os estudos feministas e de gênero como subsídio teórico e como parâmetro para a investigação do que vem a ser o feminismo *riot grrrl*.

INTRODUÇÃO

Definição do objeto – *riot grrrl*

“Não acredito que nas atuais bandas hard-core⁴ do subúrbio haja lugar para uma mina. O hard-core é o extremo do punk, exige uma estrondosa violência para sua realização. Força física na bateria, rapidez aguda no baixo e na guitarra, e o vocal tem que fazer frente a essa violência percussiva com muito volume e potência. Se tudo está então preparado para os homens, se hard-core é coisa de macho, então o que se passa com as minas, como elas estão se havendo por aqui?”⁵

O trecho acima se refere à cena *punk* do Rio de Janeiro na década de 80, mas é revelador sobre o formato masculinizado do *punk* como um todo. Não é tranqüila para as garotas a aproximação com essa cultura, pois para elas não basta que se identifiquem com o *punk*, como ocorre com os garotos, é preciso provar que são “viris” o suficiente para estar num meio como esse. E as garotas que insistem em permanecer são constantemente observadas na intenção de se descobrir se elas cumprem as expectativas exigidas pelo *punk*: conseguem tocar bateria com o mesmo peso que um homem? Empunhar uma guitarra com a mesma rapidez? Escrever em tom subversivo? Cria-se, assim, um ambiente hostil que acaba por intimidar várias garotas a se

⁴ Refere-se a uma vertente da cultura *punk* que surge no início da década de 80 nos Estados Unidos. É mais comumente usado como uma variante do estilo musical *punk rock*, de tempos mais acelerados, canções curtas e letras de protesto social.

⁵ CAIAFA, Janice. “A Mina Punk”. In: *Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1985. (p.p.:109).

envolver como gostariam. Cláudia, em entrevista, conta as dificuldades que enfrentou quando resolveu tocar um instrumento pouco convencional para mulheres: “Quando eu comecei, com 15 anos, a tocar bateria, todo mundo ficava olhando: ‘uma menina tocando bateria!’. E eu morava em casa, meu quarto dava pra rua e os moleques jogavam coisas na minha varanda. Não é porque eu tocava ruim, podia tocar ruim, mas não era essa a questão. Eu era uma menina fazendo barulho no bairro. Eu era a única baterista e era conhecida na cidade inteira. Todo mundo olhava e me apontava, me olhavam feio.”

Por ser contestatório do *status quo*, o punk não é, em princípio, misógino. Entretanto, o que se percebe é que esse questionamento é externo, voltado para a sociedade e não para a sua dinâmica interna. As relações de gênero dentro da cultura *punk* em si não são problematizadas e acabam por reproduzir as mesmas desigualdades a que, em tese, seriam contrárias. Prova disso é a inexpressiva quantidade de garotas em relação à quantidade de garotos nesse meio. Marcela, também entrevistada, relata a realidade que presenciou antes de conhecer o *riot grrrl*, cultura esta com a qual ela se identifica hoje: “Eu já ia bastante em show antes de conhecer o cd do Dominatix⁶ e eu via que tanto no palco quanto no público só tinha homem. E, me atraiu a idéia de pensar: por que só tinha homem? por que eu era mulher e gostava daquilo e por que outras meninas não gostavam?”.

Revela-se, portanto, uma tensão: se por um lado o caráter libertário do *punk* autoriza as garotas a nele se inserir, por outro são desautorizadas, ou pelo menos pressionadas, pelas características masculinistas do *punk*. E é nesse paradoxo que algumas garotas *punks* encontram uma brecha para manifestar uma resistência à forma como as relações de gênero se instauram

⁶ Banda paulistana considerada como a primeira banda *riot grrrl* do Brasil.

nessa cultura juvenil, para questionar a posição que ocupam e construir novas formas de sociabilidade, dando início ao que conhecemos hoje como *riot grrrl*:

“Punk rock não mais é apenas para garotos. Numa cena baseada em progressão, resistência e rebelião, garotas olham em volta e acham que elas ainda são tratadas como cidadãs secundárias. A maioria (mas não todos) os caras olham para as garotas como conquistas sexuais, entretenimento, ou empregada para segurar suas mochilas de livros enquanto eles dançam. Todos se tornaram hipócritas, pregando ideais anti-sexistas, enquanto praticam o que eles estavam acostumados a fazer: Tratar garotas como eles tratariam suas mães ou como suas esposas – como propriedade”.⁷

As *riots grrrls* não foram as primeiras a tratar de feminismo dentro da cultura *punk*, já bem antes havia as *punks* anarcofeministas. De forma superficial, é possível afirmar que a diferença entre ambas é que a crítica social feita pelas *punks* anarcofeministas, assim como a feita pelos *anarcopunks* de um modo geral, baseada em algumas vertentes políticas anarquistas, está ligada à idéia de classe e de Estado. Elas lutam em favor das mulheres trabalhadoras, exploradas pelo capitalismo. Já as *riot grrrls* se concentram inicialmente numa crítica interna ao *punk*, questionam mais as desigualdades de gênero dentro desse cenário e, a partir disso, buscam promover uma união entre as garotas para combater a misoginia, e acabam por se afastar do *punk*,

⁷ “Punk rock is not just for boys anymore. In a scene based on progression, resistance and rebellion, grrrls look around and find that they are still treated like secondary citizens. Most (but not all) guys look at girls as sexual conquests, entertainment, or attendents to hold their bookbags while they dance. Everyone becomes a hypocrite, preaching anti-sexist ideals, all the while practicing what they were brought up to do: treat girls like they would treat their mommies or even like wives - like property.” Texto publicado pelo e-zine *Riot Grrrl online*. disponível em <<http://www.hot-topic.org/riotgrrrl/articles.php?do=viewart&id=14&cat=4>> acesso em 19 Dez 2006.

constituindo-se como uma cultura específica. Não que as *punks* anarcofeministas não tenham feito tais questionamentos, mas a orientação política anarquista as direcionaram para outras questões e, não raro, as relações de gênero internas não foram por elas problematizadas.

O riot grrrl também não é a única vertente a se desvincular e se autonomizar da cultura punk. Outras correntes, em maior ou menor grau, também fazem esse movimento ao inserir novas pautas em suas questões políticas: o *straight edge*⁸ e a causa vegetariana e ecológica, o *queercore*, *homocore* e as identidades de gênero e orientação sexual, e o riot grrrl e o feminismo.

Não por acaso, o momento inicial da cultura riot grrrl no Brasil esteve envolvido com a cultura *straight edge*. Por volta de 1996, *straight edges* e *riot grrrls* dividiam o mesmo palco em festivais conhecidos como Verduradas. Muitas garotas eram as duas coisas ao mesmo tempo: *riot grrrl* e *straight edge*, levantaram as bandeiras feminista, a da causa dos animais e contra as drogas⁹. Segundo Elisa, guitarrista da banda Dominatrix, essa relação foi pontual, na medida em que o *straight edge* se posicionava favorável a algumas questões feministas como, por exemplo, a legalização do aborto.

Ao se ligar a uma cultura juvenil predominantemente masculina, essas garotas constroem formas de resistência aos modelos culturais dominantes de feminilidade e fazem isso numa época crítica de seu desenvolvimento, a adolescência. Desde a década de 70, várias pesquisas vêm analisando a forma como a idéia de feminilidade, em especial os padrões de beleza, produz efeitos negativos na auto-estima das adolescentes.

Em 1973, Janis Bohan analisou adolescentes brancas(os) de classe média nos Estados

⁸ Vertente *punk*, surgida na década de 80 nos EUA, que se opõe ao consumo de drogas e de produtos de origem animal.

⁹ O vegetarianismo ainda é uma questão presente entre as *riot grrrls*, embora não mais vinculado à cultura *straight edge*.

Unidos e verificou que as garotas têm um conceito de si menor do que seus pares masculinos. Essa lacuna na auto-estima é também afetada pelo desenvolvimento físico das garotas, a imagem que elas têm de seu corpo está intimamente relacionada ao seu próprio conceito. Carol Gilligan faz uma análise semelhante com relação à “voz” que as garotas têm. Para ela, as garotas vão perdendo esse poder à medida que vão amadurecendo, elas não apenas se tornam menos ouvidas, como sua fala se torna mais indecisa: “As they mature, girls become less assertive, less confident, less vocal, and feel increasingly self-conscious dependent upon others'approval in developing positive self-concepts.”¹⁰

Para Bohan, essa inferiorização está também relacionada com as expectativas de gênero. Quando as garotas percebem que a posição que irão assumir como mulheres tem um *status* e um prestígio relativamente inferiores à do homem, o que o seu “sexo” presume para ela resulta numa diminuição correspondente na avaliação de si mesma. Ou seja, a adolescente aceita e incorpora o que está dado socialmente de que ela é inferior.

Simone de Beauvoir também faz uma análise semelhante quando afirma que ser feminina é parecer frágil, fútil e dócil. A jovem não apenas será encoberta, como também sua espontaneidade será substituída por graça e charme ao longo dos anos. Nenhuma auto-afirmação diminuirá sua feminilidade e sua atratividade.

Mesmo com as várias investidas do feminismo na tentativa de mudança, as ideologias de gênero permanecem. E é nesse contexto que as *riot grrrls* entram e perturbam o que está dado: resistem às normas dominantes de gênero, subvertem-nas, transformam-nas e as reconstróem, tanto na cultura *punk* quanto em suas vidas como um todo. Tais reconstruções têm importantes efeitos em suas conceitualizações de gênero e em sua própria auto avaliação como garotas.

¹⁰mLEBLANC, Lauraine. *Pretty in Punk: Girls' Gender Resistance in a Boys' Subculture*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1999. p. 10/11.

Posicionando-se fora da cultura *mainstream*, engajam-se num ativismo contra as prescrições e proibições culturais, as quais muitas jovens estão submetidas, como afirma Claudia:

“É não se limitar em ser mulher. É não se limitar. É saber que você pode fazer o que você quiser. Isso é meio punk, mas é bem feminista também. Não é porque eu sou mulher que não posso tocar bateria, não é porque eu sou mulher que eu não posso trocar o pneu do meu carro. Muita gente se assusta quando tem uma menina que fala que é mecânica. Minha amiga sabe muita coisa de mecânica, muita coisa de bicicleta. Enfim, isso assusta e eu acho que ser feminista é fazer o que estiver dentro de você. O que for seu dom, seu talento, sei lá o que, não tem que se limitar a ‘eu sou mulher e não vai rolar’. Eu quero fazer um curso de engenharia mecânica e ‘ah, eu não vou fazer porque só tem homem’. Não!”

A história da cultura juvenil *riot grrrl* se inicia nos Estados Unidos, em Olympia, em meados de 1990, quando duas *punks*, Kathleen Hanna e Tobi Vail, produziram o zine *Revolution Girl Style Now*. Pouco tempo depois, elas convidaram uma terceira *punk*, Katie Wilcox, para fazer outro zine, *Bikini Kill* que, mais tarde, deu nome à banda que hoje é considerada a “banda-mãe” do *riot grrrl*.

Junto ao *Bikini Kill*, uma outra banda também composta só por mulheres, *Bratmobile*, começa a organizar eventos *all-girl bands* e a configuração de uma cultura juvenil específica começa a tomar forma. A idéia inicial que permeia essa movimentação é o empoderamento e, conseqüentemente, a visibilidade das garotas por meio da música, incentivando-as a tocar instrumentos e a formar bandas, uma vez que a masculinização do *rock* as desestimula o tempo todo. Durante o trabalho de campo da presente pesquisa, quando interroguei sobre a reação dos

garotos com relação ao surgimento das bandas de garotas, todas foram unânimes em dizer que quando eles gostavam da banda, a frase mais recorrente por eles proferidas era – é – : “nossa, elas tocam como homens!”

O termo *riot grrrl* aparece pela primeira vez em um outro zine de Tobi Vail, *Jigsaw*, publicado em 1993. Segundo definição do dicionário Longman Dictionary of Contemporary English¹¹: **riot** *n* **1** [C] a situation in which a large crowd of people are behaving in a violent and uncontrolled way especially when they are protesting about something. *The army were called in to put down the riot.* / **race riot** (=between people of different races) *Ethnic tensions led to a massive race riot.* **2 a riot of colour** something with many different bright colours: *The garden is a riot of colour in May.* **3 run riot** **a)** if people run riot, they behave in a violent, noisy, uncontrolled way: *Demonstrators are running riot through the town.* **b)** If your imagination, thoughts, etc run riot, you cannot control them. (...) **riot** *v* [I] if a crowd of people riot, they behave in a violent and uncontrolled way, for example by fighting the police and damaging cars or buildings. *Students were rioting in the streets*¹². É interessante notar que há um sentido coletivo na palavra “riot”, em inglês, não perceptível em sua tradução. E *grrrl* é, a um só tempo, um trocadilho com a palavra *girl* (garota) e uma onomatopéia semelhante ao barulho de ranger de dentes, dando a idéia de raiva.

Essa questão primeira, de empoderamento e visibilidade das garotas, abre um leque para vários outros temas e práticas que dão o tom para essa cultura. Primeiramente, encontram no

¹¹ Longman Dictionary of Contemporary English. 3rd Edition. Longman: England, 1995.

¹² Segundo o Dicionário de Inglês-Português Michaelis, temos a seguinte definição para riot: [ri.ot] *n* 1 distúrbio, tumulto, agitação. 2 desordem violenta, grande confusão, levante, motim, revolta. 3 intemperança, excesso, devassidão, folia, barulho, vozerio. 4 ocasião ou pessoa muito divertida. 5 profusão, exuberância (de cores). 6 grande sucesso. *vt + vi* 1 provocar distúrbios, desordens, fazer barulho ou algazarra. 2 levantar (-se), amotinar (-se), revoltar (-se). 3 passar o tempo à toa e desperdiçar dinheiro. *to run riot* **a)** cometer excessos, tornar-se violento. **b)** fig crescer exuberantemente (planta).

feminismo a forma de se articular e de assumir uma identidade que as respaldem nesse novo rearranjo do mundo do *rock* que elas propõem. Para garantir esse empoderamento, elas viram como necessário trabalhar a auto-estima das garotas que, conforme vimos, é prejudicada devido às assimetrias de poder entre os sexos. A principal estratégia foi estimular que as garotas se unissem para que pudessem discutir e trabalhar suas demandas:

*“You’re a big girl now
You’ve got no reason not to fight
You’ve got to know what they are
For you can stand up for your rights
Rights? Rights?
You DO have rights*

*Double dare ya, double dare ya
Double dare triple fuckin dare ya girlfriend”
(Música: Double dare ya. Banda: Bikini Kill)*

A adesão de outras garotas à proposta não tardou. Rapidamente outras bandas apareceram e uma rede de comunicação, proporcionada principalmente pelos zines, permitiu ao *riot grrrl* se propagar não somente nos Estados Unidos, como no mundo todo. O *Ladyfest*, por exemplo, que é o festival mais importante dessa cultura juvenil onde ocorrem apresentações de bandas, oficinas, debates acontece em mais de vinte países¹³.

¹³ www.ladyfest.org

No Brasil, essa nova movimentação no *rock* chega por volta de 1995 e a banda *Dominatrix* é a principal responsável pela sua divulgação, conforme nos diz Elisa, guitarrista e vocalista da banda, em entrevista:

“Não tinha cd de riot grrrl no Brasil, não tinha cd do Bikini Kill, não tinha música, não chegava. E eu comecei a ler sobre o que é o riot grrrl. Eu já me identificava com o feminismo e gostava de punk rock. Daí, o que eu que eu fiz? Eu e a Isabella [irmã e primeira baixista da banda], a gente foi na Galeria do Rock e encomendou um cd do Bikini Kill. No Brasil eu fui a primeira banda a ser identificada como riot grrrl. E como a gente é identificada como a primeira banda riot grrrl no Brasil então a gente tem a coragem de dizer que ele meio que chegou pela gente um pouco também.”

A partir daí, o número de bandas e de zines com temáticas feministas não parou de crescer. *Kit Kat Club*, *Pin Ups*, *TPM*, *Hats*, *Kólica* foram outras bandas que participaram do início da construção dessa cultura feminista juvenil em São Paulo. Os zines são numerosos, entre os primeiros estão o *Girl's Choice*, o *Kaóstica*, o *Descarga*, o *Girls Unity*, entre outros.

A produção musical e escrita da cultura *riot grrrl* é farta. Em um ambiente em que todas são convidadas e incentivadas a se expressar e a produzir, observa-se um cenário em que não há uma separação clara de quem é autora ou leitora de *zines*, de quem é banda e de quem é platéia: muitas são uma e outra coisa. A livre expressão de idéias é incentivada: através das letras das canções se verbaliza uma questão, dos instrumentos musicais temos um som incorfomado, dos zines temos textos politizados, com opiniões diversas. Uma boa forma de pensá-la é a partir da idéia herdada da cultura *punk* do “faça você mesmo”, que está ancorada em princípios

“libertários”, apoiada em práticas como autogestão, horizontalidade em busca da liberdade. A mudança, ainda que o objetivo seja atingir o coletivo, é feita a partir do indivíduo.

É através dessa riqueza de produção, feita a partir de uma linguagem jovem e musical, que as *riot grrrls* resistem às desigualdades de gênero não só do ambiente *punk* como de todos os outros meios em que elas vivem. O uso da primeira pessoa nas letras de músicas e nos zines são recorrentes, indicando que é o próprio dia-a-dia delas o principal fornecedor de temas a serem por elas trabalhados: família, escola, trabalho, rua, amigas e amigos, namoradas e namorados. O cotidiano está permeado pela idéia de união entre as mulheres, dessa forma, mesmo questões “macro” como, por exemplo, a ilegalidade do aborto ou a desigualdade salarial entre os sexos, entram no bojo de sua luta feminista.

Fontes e metodologia

Diante dessa abundância de elementos, apareceu um problema na trajetória da investigação: tive que abrir mão da proposta inicial, que era investigar todo o universo que se constitui o *riot grrrl* e optar por alguns aspectos. Uma vez que o foco foi entender a idéia de feminismo para elas, dei preferência ao material escrito, como zines, panfletos e letras de músicas. Também foram feitas entrevistas com seis garotas e fiz um trabalho de campo detalhado do Lady Fest, o principal evento por elas produzido e do wendo, que são técnicas de defesa pessoal para mulheres. Nesse sentido, deixarei um pouco de lado uma análise mais profunda

sobre a música em si e a estética, assim como sobre mercado/consumo, lançando mão apenas quando necessário para o objetivo desta pesquisa.

As bandas de garotas geralmente estão fora do grande circuito mercadológico e de fonografia, o chamado *mainstream*. A maioria não cobra para tocar, a relação com a música é menos por dinheiro e mais por política. Algumas cobram cachê, mas há um espaço de negociação relativamente amplo, como afirma Débora da banda “Siete Armas”, em entrevista: “Não dá muita grana, se a gente corresse mais atrás daria mais, mas a gente cobra um cachê legal. Depende do lugar, né? Às vezes a gente toca num buraco, de graça. Tem lugar que chama a gente e tem uma estrutura... Depende.”.

A confecção de CDs é realizada por pequenas gravadoras e a comercialização se dá nos shows em que tocam, em lojas especializadas em rock, através delas mesmas, pessoalmente ou através de uma rede de comunicação por carta, e-mail, muito comum no meio do *rock underground*, ou seja, do *rock* que se localiza fora do *mainstream*.

Além das bandas de música, uma outra importante produção cultural *riot grrrl* são os *fanzines*, ou apenas *zines*. É um outro elemento *riot grrrl* oriundo da cultura *punk*. Trata-se de um tipo de publicação escrita, não comercializada, feita de forma rudimentar (todo o processo, da redação à divulgação, é feito pelas(os) próprias(os) *zineiras(os)*). Seu formato é livre e depende da criatividade e da proposta do autora. Geralmente há muitas colagens, textos digitados junto a textos escritos à mão e imagens. Depois de pronto, é copiado e distribuído. É o principal veículo de debate dentro da cultura *riot grrrl*, podendo tratar de assuntos relativos à música, críticas às desigualdades e aos preconceitos sociais, discussões políticas como anarquismo e feminismo. Antes da popularização da internet, os *zines* eram impressos e distribuídos ou trocados em

eventos. Hoje, uma boa parte é virtual, os chamados *e-zines*, embora predomine ainda a produção feita nos “moldes antigos”.

Essas produções culturais estão inseridas numa “ética” ou num lema *punk* conhecido como “Faça Você Mesmo”, ou no inglês, “Do It Yourself”. Consiste num estímulo à liberdade de expressão e a práticas autogestionárias, ao mesmo tempo em que se trata de uma crítica às hierarquias sociais e à sociedade de consumo. Significa dizer que todas as pessoas envolvidas com a cultura *punk* e, no caso, com a cultura *riot grrrl*, podem e são estimuladas a montar as suas próprias bandas, a escrever *zines*, manifestos, a produzir eventos, festivais e o mais importante: que nenhuma dessas atividades seja feita de forma lucrativa. A idéia é construir uma nova socialização baseada na liberdade.

Nesse sentido, o advento da internet possibilitou aos grupos autogestionários, como as *riot grrrls*, a facilidade de desenvolver produções gratuitas, além de promover uma troca de informações muito mais rápida. Muitas bandas disponibilizam suas músicas¹⁴ através da internet e, como vimos acima, os *zines* virtuais estão ganhando cada vez mais espaço. O acesso à internet ainda é restrito a algumas classes econômicas e sociais, muito embora haja uma crescente democratização de seu uso, o que indica a posição social que as *riots grrrls* ocupam. As garotas entrevistadas nesta pesquisa vieram de famílias da classe média paulista, com um nível de escolaridade alto e brancas; constatação confirmada durante o processo de observação do campo.

Além da análise dos materiais por elas produzidos, como as letras de músicas e os *zines*, uma importante fonte da pesquisa foi o festival Lady Fest de 2007, em São Paulo. O Lady Fest é um festival de cultura feminista em que há música, discussões, troca de materiais, oficinas, mostra de vídeos *riot grrrl*, que ocorre uma vez por ano. O primeiro foi realizado em Olympia

¹⁴ A comunidade on-line “Myspace” é um importante meio de contato e divulgação das bandas *riot grrrls*. Conferir www.myspace.com

(EUA) em 2000 e hoje há eventos do mesmo tipo no mundo inteiro: México, Alemanha, Austrália, Suíça, África do Sul.

No Brasil, houve três edições, cada uma com um tema: em 2005 “Conhecimento para Resistência Feminista”, em 2006 “É menino ou menina. Gênero: o machismo torturando nossa identidade” e em 2007, ano em que realizei minha pesquisa de campo, foi “Tirando sua própria virgindade”. O tema foi, em especial, discutido através dos vídeos apresentados; os mitos sobre a virgindade, a diferença de como este assunto é tratado culturalmente com relação às meninas e aos meninos, as expectativas e ansiedades do início da vida sexual. Também havia vídeos que abordavam a homossexualidade, as transexuais e a prostituição. Um dos vídeos mais esperados foi o “Rock 'n roll Camp for Girls”, sobre um acampamento com o mesmo título do vídeo, que acontece anualmente em Portland, Oregon (EUA), onde garotas de diversas idades ficam por cinco dias aprendendo a tocar instrumentos, montam bandas e se apresentam num show final.

Durante o festival, participei de oficinas de instrumentos musicais como bateria e guitarra, da oficina intitulada “Consenso Sexual Para Jovens Lésbicas” em que a discussão busca trabalhar as nuances da violência sexual, que por vezes são sutis, entre casais de lésbicas, além de debater sobre os cuidados de si. Também houve oficinas de skate e de wendo (auto-defesa feminista). Participei da oficina de wendo em outras ocasiões, num espaço em que a prática é realizada regularmente.

Os shows das bandas de meninas são certamente a parte da programação que mais tem público. Quinze bandas se dividiram durante os três dias do festival em casas de shows que se localizam num dos pontos *undergrounds* da cidade de São Paulo, a Rua Augusta. Entre roqueiros, poetas, prostitutas, *cults*, gays, travestis, intelectuais e meninos de rua, a Rua Augusta é um lugar em que facilmente encontramos também as feministas do *rock*. Na fila para entrar no

“Inferno Club”, espaço do primeiro dia do evento, havia muitas meninas e alguns poucos homens. Shorts curtos rasgados, meias coloridas, coturnos e *all stars*, camisetinhas com frases feministas ou com a banda preferida. Os cabelos, no geral, bem curtos, desfiados e coloridos, alguns compridos, mas sempre com um corte ousado. Alguns visuais remetem à década de 80, que foi a década do auge do *punk*: um cabelo mais alto na parte da frente, estampas de oncinha, colete. Algumas meninas misturam um visual mais rock com um visual *dyke*, masculinizado. Outras, de vestido, meia calça e sapato-boneca. E muitos casais de meninas!

No interior, uma típica casa de shows: escuro, bar-balcão, algumas mesas no canto da parede e ao fundo o palco. Na entrada, uma banca vendendo CDs de bandas de meninas e camisetas com estampa do wendo, com logotipo do festival, de bandas, de mulheres-ícones como Virginia Woolf e várias com frases feministas como “mulher, liberta-te”, “meninas boas vão para o céu e as más vão aonde querem” e “menos plástica, mais terapia”. Casa cheia, começa o show e as garotas se divertem.

Também foram feitas entrevistas. Comecei por Elisa, 28 anos, guitarrista e vocalista do Dominatrix, como já citado, a primeira banda *riot grrrl* brasileira. Atualmente, também toca na banda Fantasma. Além das bandas, Elisa participa de um grupo de ação política chamado Quitéria, que entre outras atividades, organiza o Lady Fest no Brasil e a oficina de “Consenso Sexual Para Jovens Lésbicas”. Também faz parte de uma gravadora de bandas de garotas, a “Dyke Records” e já fez o zine “Kaóstica”. Por ser uma referência muito forte na cena *riot grrrl*, comecei as entrevistas por ela, objetivando traçar a história da cultura *riot grrrl* em São Paulo, identificar as mudanças que ocorreram desde seu início, entender a reação das garotas sobre a inserção de uma pauta feminista no rock, enfim, analisar a dinâmica dessa cultura feminista.

Além de tudo, Elisa foi responsável por me ceder boa parte do material, principalmente zines, aqui trabalhados.

Marcela, 25 anos, jornalista, está no meio *punk* desde os doze anos, em Santos, quando começou a responder as cartas nunca respondidas da banda de *punk rock* de seu namorado. A partir daí, começou a receber demo-tapes¹⁵ e zines de vários lugares do Brasil e do mundo e resolveu produzir seu próprio zine, o “Descarga zine”, que teve duração de quatro anos, de 1998 a 2002. Seu primeiro contato com o feminismo foi a partir da banda Dominatrix, que conheceu numa loja de rock. O que chamou sua atenção inicialmente foi o fato de ser uma banda só de garotas e, a partir daí, se interessou pelo feminismo.

Claudia, 23 anos, baterista, toca guitarra da banda Santa Claus (a “banda” é composta só por ela). Mais do que uma banda, o Santa Claus é um ativismo contra o abuso sexual infantil e contra a violência sexual com a mulher. Claudia panfleta as letras de suas músicas que remetem a esse assunto em bares gays de São Paulo. Ela também é responsável por iniciar as oficinas de instrumentos musicais no segundo festival Lady Fest no Brasil, e, a partir da experiência do festival, deu continuidade às oficinas, desenvolvendo o projeto “Espaço Cultural Feminista”.

Débora, 20 anos, toca nas bandas Siete Armas, Cínicas e, mais recentemente, entrou como guitarrista na banda Dominatrix. Desenvolve um zine virtual com outras garotas, Alastras zine, em que escrevem contos lésbicos.

¹⁵ Abreviação de *demonstration-tape* (fita de demonstração). Antes da popularização do cd e, mais tarde, as músicas em mp3, era muito comum as bandas gravarem suas músicas em fitas cassetes e distribuir para todo o Brasil e para o mundo. Muitas vezes se fazia trocas de materiais. A divulgação se dava através de *flyers*, que são pequenos papéis contendo informação da banda/zine e endereço para contato que circulavam junto com os materiais. Hoje essa rede de comunicação ainda existe, mas não há mais fitas cassetes e sim cd's.

Anelise, 27 anos, conheceu a cultura *riot grrrl* aos 15 anos, produziu o documentário “Belas Donas – Meninas na Cena *Punk*”. Já tocou baixo numa banda metal, escreveu o “Raul zine” e hoje colabora na organização do festival Lady Fest.

CAPÍTULO 1

JUVENTUDE

1.1 Subculturas, Tribos Urbanas, Culturas juvenis

A opção pela categoria “cultura juvenil” advém do fato de que se trata de um feminismo elaborado a partir de práticas culturais e cotidianas, configurando um “estilo de vida”, de um grupo específico de jovens ligadas à música *rock*. Dessa forma, concordamos com a argumentação de Carles Feixa na qual o termo “culturas juvenis” está voltado para as formas em que as experiências juvenis se expressam de maneira coletiva, mediante estilos de vida distintivos, identificados por meio do consumo de determinados produtos como roupas, música, adereços, formas de lazer, etc.¹⁶

“Culturas juvenis” não é uma categoria análoga à “tribos urbanas” ou “subculturas”. Ao contrário, a primeira definição se opõe a essas outras duas. Segundo Magnani, “tribos urbanas” é um termo estigmatizante e utilizado de forma indiscriminada, principalmente pela

¹⁶ FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud*. Barcelona, Ariel, 1998.

mídia – mas também por pesquisas acadêmicas, para designar práticas de grupos de jovens consideradas delinquentes. Ainda segundo este autor, o termo é muito mais uma metáfora do que uma categoria: “a diferença é que enquanto aquela é tomada de outro domínio, e empregada em sua totalidade, categoria é construída para recortar, descrever e explicar algum fenômeno a partir de um esquema conceitual previamente escolhido.”¹⁷ E a metáfora se utiliza de conotações diversas do seu uso inicial. Sua vantagem é que delimita um problema pelo qual não se tem um enquadramento mas, por outro lado, tem-se a impressão de descrever de forma total e acabada o fenômeno que se quer estudar.

Já o conceito de “subcultura” tem sido criticado por alguns autores recentes como Dieter Baacke, Wilfried Ferchhof¹⁸, pois o termo sugere a idéia de existência de uma cultura superior, que deixa de fazer sentido atualmente diante da pluralidade de modos ou estilos que não são mais específicos de uma dada cultura. Questionam também o tom pejorativo que o termo provoca, além de tentar diferenciar segmentos específicos objetivando melhor controlá-los. Dessa forma, consideram o termo “cultura juvenil” ou “culturas juvenis” como o mais adequado por “ampliar a possibilidade de compreensão das distintas manifestações juvenis, seus estilos ou modos de vida que vêm sendo criados e recriados em diferentes localidades e contextos”¹⁹.

¹⁷ MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Tribos Urbanas: metáfora ou categoria*. In: <http://www.n-a-u.org/Magnani.html>.

¹⁸ Citados por Wivian Weller em “A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível”. Revista Estudos Feministas. v. 13, n.1. Florianópolis, jan/abr 2005.

¹⁹ Ainda que concordemos com a argumentação destes autores, não podemos negligenciar a criativa forma como Sarah Thorton define o conceito de “capital subcultural” numa alusão de “capital cultural” de Bourdieu. Se para este, o “capital cultural” é cultivado através da aquisição de obras de arte e de livros, “capital subcultural” é, segundo Thorton, uma coleção de CDs ou um corte de cabelo específico de uma subcultura. In: *Club Cultures*. Hanover N. A.: Wesleyan University Press, 1996.

Um outro uso para “subcultura” é o de analisar determinadas experiências juvenis como rituais de resistência à dominação de uma cultura hegemônica²⁰; daí a ênfase no caráter “chocante” e desafiador da presença, do visual e da atuação dos grupos juvenis estudados.²¹

1.2 A juventude como categoria social e como objeto de investigação

O conceito de cultura juvenil tornou-se possível a partir do momento em que a juventude passou a ser uma categoria social e geracional distinta e autônoma. Entendida como um grupo etário diferenciado, de uma fase transitória e preparatória para a integração no sistema social, é o caráter potencialmente problemático, desviante da continuidade da herança social dos grupos juvenis, e da própria juventude, que a literatura sociológica, em grande parte, direcionou seu olhar.²²

A escola funcionalista foi uma das que mais se debruçou sobre o tema no sentido de entender as condições de existência da juventude como categoria social nas sociedades modernas. Eisenstadt²³, ao traçar um quadro onde os grupos etários ocorrem, afirma que a juventude é um fenômeno de sociedades universalistas, onde é exigido um grupo de socialização entre a infância e o mundo adulto em que possam ser construídas novas identificações e vínculos de

²⁰ HEBDIGE, Dick. *Subculture: The Meaning of Style*. England: Routledge, 1987.

²¹ MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Os Circuitos dos Jovens Urbanos*. In: *Tempo Social*. v.17 n.2 São Paulo nov. 2005. Vale ressaltar que este autor propõe ainda uma outra categoria: “circuitos jovens”. “A idéia é privilegiar sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde eles circulam e onde se encontram, e das ocasiões de conflito e dos parceiros com quem estabelecem relações de troca. Com isso, busca-se articular dois elementos presentes nessa dinâmica: os comportamentos e os espaços, instituições e equipamentos urbanos. O que se pretende é chamar a atenção (1) para a sociabilidade, e não tanto para pautas de consumo e estilos de expressão ligados à questão geracional, e (2) para as permanências e as regularidades, em vez da fragmentação e do nomadismo.”

²² ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1994.

²³ EISENSTADT, S. N.. *De Geração a Geração*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

solidariedade. Uma fase de transição, portanto, da “família de orientação” para a “família de procriação”²⁴. Transição esta que se dá de forma difícil pelas características das sociedades universalistas: acentuada divisão do trabalho, especialização econômica, segregação das famílias de outras esferas institucionais, tudo isso acentua a descontinuidade da passagem da infância para o mundo adulto.

É também um período de preparação que é confiado à escola²⁵ como espaço de elaboração das identidades e das relações solidárias necessárias à transição. Entretanto, segundo Eisenstadt, há um descompasso entre o adiamento da maturidade social e a maturidade sexual e fisiológica dos adolescentes, fazendo com que os papéis atribuídos ao período de “espera” não correspondam aos anseios da personalidade dos adolescentes. A formação de grupos, constituindo-se um “locus de geração de símbolos de identificação e de laços de solidariedade”, cumpre esse papel. Tais grupos, no entanto, nem sempre têm um caráter integrativo na continuidade do sistema social, podendo admitir características “anormais”, “desviantes”.

Dessa forma, é como um problema da modernidade, ou seja, nos setores juvenis que fogem aos padrões de socialização, definidos então como “subculturas”, que a Sociologia se interessa pelo tema inicialmente. É o caso dos estudiosos da Escola de Chicago que, nas décadas de 20 e 30, preocupados com a desorganização social provocada pelo crescimento das metrópoles, pesquisam os *street gang boys*²⁶: jovens de bairros de imigrantes dos Estados Unidos que passavam a maior parte de seu tempo nas ruas e desenvolviam comportamentos em desconformidade com as normas sociais, em geral, se vinculavam à criminalidade.

²⁴ EISENSTADT, *Op. Cit.* p. 254

²⁵ Sobre a instituição escolar e privatização da família como fatores preponderantes na constituição da juventude como fase distinta a partir do século XVII, conferir ARIÈS, Phillipe. In: *História social da criança e da família*. 1981.

²⁶ Como, por exemplo, o estudo clássico *Delinquent boys: the culture of the gang* de A. Cohen.

Nas pesquisas no Brasil e em boa parte da América Latina, a tônica foi o jovem como um “ator social” de mudanças e, sendo assim, muitos dos estudos se voltaram para a análise do movimento estudantil²⁷. Com a falta do viés de gênero, as jovens estiveram ausentes em grande parte dessas análises que priorizaram um certo “modelo ideal” de juventude.

1.3 A perspectiva de gênero nos estudos sobre a cultura juvenil *punk*

Apenas muito recentemente a perspectiva de gênero tem sido incluída nas pesquisas acadêmicas sobre juventude e ainda se verifica uma grande lacuna quanto à questão. Wivian Weller²⁸, em sua pesquisa comparativa entre as experiências das garotas do *Hip-Hop* de São Paulo e de Berlim, afirma que uma das razões da “invisibilidade” feminina nos estudos das culturas juvenis se deve à concepção utilitarista da ação e chama a atenção para a necessidade de análises que busquem uma compreensão da prática e do sentido prático das ações em seus contextos específicos.

Boa parte da bibliografia sobre o *punk* também compartilha desse silêncio com relação às mulheres. “*Punk: anarquia planetária e a cena brasileira*”, de Sílvio Essinger²⁹ apenas se refere a uma ou outra banda composta por mulheres ao longo do livro³⁰. Bivar, em “O que é

²⁷ Conferir FORACCHI, Marialice. *O Estudante e a Transformação da Sociedade Brasileira*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1965; FORACCHI, Marialice. *A Juventude na Sociedade Moderna*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1972; RAMA, German. “Final do Século: desafios da educação na América Latina.”. São Paulo: CLACSO/REDUC/CORTEZ, 1990. La situación de la juventud y los problemas de la inserción en la sociedad; IANNI, O. *O jovem radical*. Sociologia da juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

²⁸ WELLER, Wivian. “A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível”. In: *Revista Estudos Feministas*. v. 13, n.1. Florianópolis, jan/abr de 2005.

²⁹ ESSINGER, Sílvio. *Punk: anarquia planetária e a cena brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção Ouvido Musical)

³⁰. No último capítulo “Juízo Final – o *punk* rumo ao ano 2000” afirma: “No final dos anos 90, uma das principais marcas do *punk* foi a fragmentação (...) A exemplo das mulheres, que batalharam por uma posição de destaque com o

Punk”, por sua vez, dedica no fim de seu livro quatro páginas com o título “O contingente feminino & feminista”, referindo-se às garotas *punks* por sua beleza ou poder de sedução³¹. Por fim, faz referência ao movimento *Riot Grrrl* no Brasil, celebrando a entrada de mais garotas no movimento *punk*. Ainda menciona os encontros *All Grrrls*, em São Paulo, em que só tocam bandas compostas por mulheres, embora aberto ao público dos homens: “Ali, elas debatem, trocam idéias inteligentes, folheiam fanzines³², avançam com a coisa e tocam”.

Caiafa, em “O Movimento Punk na Cidade: a invasão dos bandos sub”, a exemplo de Essinger e Bivar, também reserva o derradeiro capítulo de seu livro para a análise das garotas no *punk*. Ao contrário do que fez durante todo seu estudo em que analisa os jovens em sua experiência *punk*, com as garotas ele as analisa em sua experiência afetiva e sexual com os *punks*. Ao caracterizar o *punk* como “essencialmente masculino” pela sua violência, agressividade e, portanto, hostil à presença de mulheres, define que a “delinqüência feminina é sobretudo sexual”³³ e tenta compreender o porquê dos *punks* se recusarem a namorar as *punks*, buscando sempre garotas de fora do movimento para suas relações amorosas, ao mesmo tempo em que as garotas *punks* eram impedidas de trazer namorados não-*punks* para o movimento. Sua análise se concentra nesse impasse em que define ser mais um dos elementos que compõem o *punk*: desequilíbrio, tensão.

Ainda que em algumas passagens Caiafa assuma que as garotas são tão *punks* quanto os rapazes no conhecimento das músicas, na vontade de formar bandas e aponte os preconceitos

movimento das *Riot Grrrls*, os gays também reivindicaram o seu direito à diferença no meio *punk*, em uma vertente chamada homocore”.

³¹ “Algumas são extremamente femininas, como a vocalista do *Staples* – talvez o maior *sex appeal* feminino da atual cena. As minas estão berrando, *babies* com *extra-plus*. Não eram tantas assim, em 82. As *Skizitas* só tocaram uma vez, a vocalista Márcia, de minissaia, fez babar a platéia masculina”.

³² Forma como os *zines* eram chamados originalmente, fusão dos termos *fan* e *magazine*, algo como revista do fã. O movimento *punk* preferiu utilizar apenas *zines*, por ser característico do movimento a rejeição à idolatria.

³³ Caiafa. *Op. Cit.*, p. 106.

por elas sofridos ao afirmar que as garotas que se arriscavam a entrar numa banda eram vistas nessa postura como risíveis para os garotos, é a perspectiva dos relacionamentos afetivos que orienta sua análise, comprometendo e limitando, portanto, um entendimento mais aguçado sobre a experiência *punk* para as garotas. As mulheres, portanto, quando aparecem, são analisadas num capítulo à parte, como um “apêndice” do estudo – e do movimento punk.

1.4 Cultura juvenil punk

Grandes transformações culturais marcaram o século XX e, em especial, a juventude: o existencialismo na década de 40, a geração beatnik e, sobretudo, o surgimento do rock 'n' roll em 50. As revoltas estudantis de 1968 foram um marco na história contemporânea ocidental:

“o aparecimento, em várias partes do mundo ocidental, de uma juventude extremamente politizada e militante, unida na mesma recusa ao imperialismo norte- americano, ao “aparelhismo” e burocratismo dos partidos comunistas, aos graves equívocos políticos do socialismo soviético e aos valores burgueses e conservadores. Os jovens defendem os direitos civis das mulheres e dos negros, lêem Marcuse e professam uma profunda admiração por Ernesto *Che* Guevara. Em sua maioria, estudantes secundaristas e universitários foram os novos atores coletivos dos anos 60/70 e as principais vítimas da repressão político-militar das ditaduras na América Latina”.³⁴

³⁴ MORAES, Maria Lygia Quartim de. “O Feminismo Político do Século XX”. In: Margem Esquerda. n. 9. São Paulo: Boitempo Editorial, junho de 2007, p. 131

Nessa fase, a cultura jovem se fortaleceu como nunca acontecera antes, posicionando a juventude como revolucionária em potencial. Os acontecimentos de 68 permitiram se falar em revolução também no âmbito particular, mediante a valorização da liberdade individual. Ou seja, tratava-se de uma mudança ancorada no campo do cotidiano, mas que terminou por envolver diversas esferas sociais. Os movimentos juvenis do período ultrapassaram o domínio do comportamento e das artes e passaram a questionar os valores tradicionais como a família, o patriarcado, a igreja, a sexualidade. Essa subversão representou uma ruptura intensa e em tão curto prazo que ficou marcada na história da sociedade ocidental como revolução cultural. Também é importante lembrar que foi nesse período que o feminismo tomou a forma atual e se fixou como um movimento social organizado.

Todos esses aspectos são essenciais para a compreensão da formação da cultura *punk*, uma vez que trazem elementos que serão utilizados, ainda na década de 1970, para compor sua base política e de idéias. O fortalecimento da juventude, a concepção de revolução no âmbito pessoal, a contracultura como uma forma de vida, o questionamento das estruturas dominantes e tradicionais – que na cultura *punk* será aliado à contestação da estrutura política de maneira ainda mais radical, levadas às últimas instâncias pelo modo de vida dos punks – serão aprofundados, reciclados e repensados a partir da perspectiva do grupo.

O festival *Woodstock*, em 1969, nos Estados Unidos é considerado a um só tempo o auge e o “início do fim” da contracultura hippie, deixando o caráter de oposição para adentrar na sociedade de consumo. Para Bivar, era a vez do “reacionário chic” e surge o *Glamour Rock* (ou *Glam Rock*) com David Bowie e Lou Reed, num retorno à elegância da década de 1940, aproximando *rock* e moda. De outro lado, o caráter revolucionário da arte e cultura dos anos 60

cede lugar também para os *rockstars*³⁵, conceito posteriormente combatido pelo *punk*. Para o mundo do *rock* dos anos 70, tudo era exagerado, caro e lucrativo. É no contexto de negação desses valores reacionários, aliados a uma crise econômica que assolava a Inglaterra em meados da década de 1970, que surge a cultura *punk*.

Por volta de 1975 já existia uma banda estadunidense, “The Ramones”, que inventara a música *punk*, marcada pelos compassos rápidos, guitarras distorcidas e um número muito reduzido de acordes, numa espécie de retorno mais agressivo ao *rock’n roll* da década de 1950. A princípio, o estilo se centrava apenas nos âmbitos da música, moda e comportamento. Foi na Inglaterra que esses elementos se aliaram a tendências político-ideológicas, tendo como marco a banda “Sex Pistols”, que vieram no bojo da crise econômica, da correlata crise do desemprego e dos conseqüentes processos de afastamento do operariado das indústrias e do crescimento dos bairros pobres nas imediações de Londres.

O *punk* surge, dessa forma, entre jovens pobres, excluídos de diversos benefícios sociais e que, por meio de experiências comuns, buscaram valorizar suas vidas cotidianas. A palavra *punk* era anteriormente utilizada como gíria para designar algo sem valor, podre, lixo. De certa forma, esse significado diz muito sobre esta cultura juvenil se considerarmos a definição dada por Helena Abramo. Para esta autora, que segue a linha teórica dos estudos de “subcultura”, a juventude dos anos 80 é marcada pela formação de tribos ligadas à música, e – e esta é sua tese – a uma atuação centrada na criação de um “estilo espetacular” de aparecimento, sendo o *punk* o fenômeno deflagrador deste momento juvenil. Define o *punk* como:

³⁵ “Astro do rock”, reconhecido pela indústria cultural.

“grupos fundados em atitudes como a rejeição de aparatos grandiosos e de conhecimento acumulado, em troca da utilização da miséria e aspereza como elementos básicos de criação, o uso da dissonância e da estranheza para causar choque, o rompimento com os parâmetros de beleza e virtuosismo, a valorização do caos, a cacofonia de referências e signos para produzir confusão, a intenção de provocar, de produzir interferências perturbadoras da ordem”³⁶.

Essa “atuação espetacular” se dá através de uma série de expressões (música, estética, comportamento) a fim de denunciar a exclusão que sofrem. A partir de si mesmos³⁷, escancaram a exclusão, a desigualdade, o preconceito presentes na sociedade. A insistência é na autocaracterização da inferioridade, não escondem, ao contrário, acentuam em si mesmos o caráter negativo de suas origens: “Sim, somos pobres, feios, sem chances, perigosos”. O que não significa uma atitude de autocomiseração, ao contrário, trata-se de um meio de espelhamento: denunciam a realidade através de si mesmos.

A começar pelo visual chocante: o deboche ao moralismo através de referências ao sadomasoquismo presente no estilo (muito couro e coleiras, por exemplo), ou ao fascismo pelo uso de roupas militares e suásticas, além dos cabelos coloridos e as roupas baratas de brechó, numa atitude de desapego material, compunham a aparência *punk*. Isso, aliado a uma dança típica do grupo, considerada esquisita, o pogo³⁸ e a hábitos marginais e mal-vistos pela sociedade, como o uso de drogas e a prática de violência por alguns integrantes, se propagavam pelas ruas e pelas garagens.

³⁶ ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1994. (p. 43/44).

³⁷ Utilizarei o gênero gramatical masculino somente quando a/o autora em questão assim o fizer. Caso contrário, o uso nesta dissertação será deliberadamente no gênero gramatical feminino.

³⁸ Espécie de dança típica de punk rock. Enérgica, consiste em pulos e movimentos cadenciados de braços e pernas.

Janice Caiafa, em obra já citada, também faz uma análise nesse sentido. Ao mapear a experiência *punk* na cidade do Rio de Janeiro da década de 80, tenta compreender o funcionamento do grupo a partir da música que produzem, da estética que ostentam, das festas e *shows* que promovem, dos encontros noturnos nas esquinas do centro da cidade, definindo-o como “a atuação de um bando que ostenta signos de choque e provoca atrito, que intenciona deflagrar desobediência, interferência e intensidade”³⁹.

Janice Caiafa utiliza a categoria “delinqüência juvenil” para a análise do punk no Rio de Janeiro, conceito associado aos estudos da Escola de Chicago, como já citado. Caiafa relaciona “delinqüência” a “delito de status” na medida em que o *punk* transgride, extrapola algumas normas para sua idade, como ficar até tarde na rua, beber, fumar. Para ela, “esse clima de transgressão é a atmosfera entre os *punks*, esse excesso para sua idade e sua classe”⁴⁰. Critica uma “definição negativa do acontecimento *punk*”, que analisa a juventude em seu caráter “desviante” da continuidade regular da fase de transição entre a infância e o mundo adulto. A juventude aparece como “o resultado de um fracasso das instituições em assimilarem a juventude, produzindo uma geração de jovens alienados”⁴¹. Rejeitando a definição de que o exercício *punk* se esgota numa resposta a outra coisa, Caiafa busca a positividade do punk no próprio *punk*.

Márcia Regina da Costa, em seu estudo sobre os “carecas do subúrbio”⁴², busca analisar o movimento⁴³ dos carecas em São Paulo a partir do exame de seus valores e o papel que os carecas assumem no mesmo. Destaca a questão da violência como elemento de unificação do

³⁹ Caiafa. *Op. Cit.* [1985] p. 23.

⁴⁰ *Idem*, p. 17.

⁴¹ *Idem*, p. 19

⁴² COSTA, Márcia Regina da. *Os “Carecas do Subúrbio”*: *Caminhos de um Nomadismo Moderno*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.

⁴³ A autora utiliza o termo “movimento” para definir os punks e os carecas sem, contudo, definir com precisão este conceito.

grupo e enfatiza que é através do seu exercício que se concretizam as idealizações de força, potência e heroísmo. A partir da análise de algumas ambigüidades e contradições entre os carecas, demonstra também a existência de diferenciações e disputas que visam o controle do movimento.

Costa afirma que *punks*, *skinheads* e carecas constituíam uma mesma rede de troca de informações de bandas, *zines*, notícias do que ocorria nos grupos de outros países. Entretanto, a partir de 1987, percebe-se em alguns *zines punks* uma busca de coerência de suas atitudes, partindo de uma preocupação com o que eles passam a chamar de “desvios do movimento”. Nesse momento, levantam certa desconfiança com relação aos carecas a partir do que identificam como “ambigüidades e incoerência de suas posturas”. Para Costa, uma busca de uma identidade que se contrapunha à imagem negativa que a sociedade tinha dos *punks* (como relacioná-los a gangues, arruaceiros) passa a ser uma preocupação entre eles, que começam a enfatizar o aspecto de luta do movimento, de revolta das classes sociais desprivilegiadas. Nesse sentido, *punks* e carecas também passam a se afirmar um em oposição ao outro, num esforço de se definirem a partir de aspectos que os diferenciavam. Assim, os *punks* criticam as atitudes violentas dos carecas, suas idéias duvidosas como o uso da suástica, seu caráter machista. Por sua vez, os carecas criticam um certo modismo que começa a se configurar no *punk* e o fato de algumas bandas terem se rendido à mídia.

Assim, o *punk* chega ao Brasil em meados dos anos 80 e encontra um ambiente semelhante ao londrino para se instalar: jovens da periferia de São Paulo que se identificam com o discurso de exclusão social dos jovens ingleses. Aqui, além dos temas já tratados pelos punks de lá, como miséria, desemprego, guerras temos também o contexto de fim da ditadura militar, que trouxe a liberdade de expressão como forte característica de sua produção cultural.

As letras das músicas são pesadas, acompanhadas de um som agressivo: guitarras, baixo e bateria rápidos, velozes e violentos e o vocal geralmente gritado, aos berros. A música “Em Você”, de 1984, da banda “Cólera”, uma das primeiras bandas *punks* do Brasil, demonstra bem essa característica:

Eles comem, vocês têm fome.
Eles bebem, vocês tem sede.
Eles dormem, vocês tem sono.
Eles compram, vocês carregam
-Você que é honesto tem um ar sombrio
Um ar de revolta
O preço dolorosa pra sobreviver
Que causa esta raiva.
Quem pode mais, vai sobreviver.
Quem pode mais, vai pisar em você!
Eles olham o mundo como o arco-íris
Todo colorido...
Beleza, flor e amor, dinheiro e poder
E status social
Quem pode mais, vai sobreviver.
Quem pode mais, vai pisar em você.
 (“Em Você”, Cólera)

A partir da ética “Faça Você Mesmo”, já citado anteriormente, a idéia do punk é construir uma socialização baseada em valores contrários aos do capitalismo. Dessa forma, a destruição do Estado, da hierarquia familiar, da religião, dos ídolos, são temas recorrentes em suas músicas e em seus *zines*:

Não acreditamos nos ensinamentos religiosos
Que pregam a escravidão das mentes e dos povos
Rejeitamos a idéia de uma vida eterna
E odiamos toda repressão da Igreja sobre a Terra
Não, não à religião
Não aos padres e as freiras
Não ao Vaticano e sua riqueza
Não a falsa moral cristã
Não ao ridículo "conto da maçã"
(música: Não à Religião, banda "Inocentes")

Há até uma vertente denominada anarcopunk cuja base política contra as desigualdades sociais é orientada por princípios anarquistas. Esta corrente também se ocupa nos estudos e resgate da história do anarquismo e em fazer um ativismo político que inclui práticas como boicotes, sabotagens, pichações, desobediência civil, ocupação de imóveis abandonados (chamados de *squatt*). Em São Paulo, por exemplo, o Centro de Cultura Social, um histórico espaço anarquista do começo do século XX, tem hoje suas atividades praticamente desenvolvidas apenas pelos anarcopunks. Mesmo os punks que não se denominam anarquistas, definem-se politicamente como libertários, e o lema "faça você mesmo" se refere claramente a tais idéias.

O *punk* é também uma cultura juvenil internacionalista, sua linguagem e suas práticas são comuns em vários lugares e redes de comunicação para fins de troca de materiais (zines, discos, CDs, etc.) entre *punks* do mundo inteiro é intensa e rotineira.

Entretanto, essa característica de rompimento com fronteiras não é exclusividade da cultura punk, o gênero rock como um todo é compartilhado por jovens do mundo: "Embora o rock tenha nascido na América, a evolução de seu estilo vocal produziu um sotaque distante de

qualquer raiz geográfica nos Estados Unidos e na Inglaterra. A sonoridade musical de uma língua torna-se o elo de solidariedade (no sentido durkheimiano) entre os jovens de culturas distantes.”⁴⁴

Nas décadas de 1960 e 1970, mesmo depois da explosão contracultural que pregava a liberdade sexual e voltou atenções para a sexualidade das mulheres, era comum a figura da grupie. Sempre vinculadas à imagem do *rockstar*, *groupies* eram pessoas, em geral mulheres dentro de determinado padrão de beleza estipulado por uma moda vigente, que serviam para saciar os desejos sexuais masculinos dos então “deuses do rock”. No *punk*, as *groupies* não desapareceram, mas essa prática perdeu força, já que uma das características da cultura punk era a rejeição à figura do *rockstar*. Até o advento do punk, e ainda durante seu desenvolvimento, havia uma tendência na cultura rock em tratar as mulheres como consumidoras e fãs de grupos masculinos ou de relegá-las à posição de namorada ou de vocalista, raramente as mulheres empunhavam guitarras ou compunham bandas (GOTTLIEB, 1994).

Ainda que representem uma minoria numérica, as mulheres estavam presentes na cultura *punk* desde o seu início. Na Inglaterra, a banda “Siouxsie and the Banshees” como uma das primeiras bandas a ter uma mulher em sua formação, ou “The Sluts”, uma *all-girls band*⁴⁵ que também surgia nesta época e ficou conhecida por ser uma das precursoras do feminismo no *punk* e por suas posturas agressivas influenciaram todas as gerações de bandas femininas do pós-1977. Outros ícones importantes para a geração das *riot grrrls* foram o “Crass”, banda panfletária e feminista; a roqueira Joan Jett, que também representou uma ruptura, já que em 1975, com apenas 14 anos, montou uma *all-girl band*, a “The Runnaways”;⁴⁶ Patti Smith, poeta, intelectual e figura

⁴⁴ ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense: 1994. (p.p. 192)

⁴⁵ Grupos musicais compostos apenas por mulheres ou garotas. As *all-girls bands* também são chamadas de *all-women bands* ou ainda de *all-female bands*.

⁴⁶ ROCHA, Débora Cristina de Melo. “*Girl Gathering: A identidade feminista Riot Grrrl através dos Fanzines*”. Trabalho de Conclusão de Curso para o Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe (UFSE).

popular na velha guarda *underground*, uma pioneira da cultura *punk* feminina que trouxe algumas questões feministas para a música; além da banda “L7”, com forte ativismo *pro-choice*⁴⁷ nos Estados Unidos influenciando muitas *riot grrrls* anos depois.

No Brasil, as punkas⁴⁸ integravam algumas das primeiras bandas como as “Skizitas”, a “Zona X”, a “Banda Sem Nome” e a “Diabólica” e, mais a frente, “As Mercenárias”, banda cultuada entre as *riot grrrls* brasileiras até hoje. Assim, as mulheres se mantiveram na construção da cena, produzindo e conduzindo seus próprios projetos, participando da confecção de zines e montando e integrando bandas.

⁴⁷ Movimento nos Estados Unidos pelo direito à escolha das mulheres à interrupção de uma gravidez indesejada.

⁴⁸ Mulheres punks.

CAPÍTULO 2

FEMINISMOS

2.1 A condição de possibilidade do feminismo

Uma vez que o objetivo desta análise é entender o feminismo riot grrrl, é primordial que se defina a idéia de feminismo. Sabe-se, ainda, que o pensamento feminista não é ahistórico e nem homogêneo, sendo assim, é imprescindível que revisitemos sua história, no mundo e no Brasil, e abordemos suas principais correntes.

De forma geral, podemos pensar o feminismo como a luta contra as desigualdades que atingem as mulheres e contra a naturalização dessa desigualdade. Desde Christine de Pisan, em *La Cité des Dames*, no século XV, ou Mary Astell, em *Serious Proposal to the Ladies*, no século XVII, já se questionava a posição social da mulher⁴⁹. Mas a palavra feminismo só é possível historicamente a partir do Iluminismo, em especial a partir da brecha proporcionada pela Revolução Francesa com suas idéias de individualismo e cidadania, de direitos e deveres do

⁴⁹ PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

indivíduo. O feminismo, nesse sentido, aparece para revelar “os limites do princípio de liberdade, igualdade e fraternidade e levantaram dúvidas em relação a sua aplicabilidade universal.”⁵⁰

Para entender a relação do Iluminismo com o surgimento das feministas, retomo uma análise feita por Joan Scott sobre esse início do feminismo na França. De antemão, Scott expressa seu desacordo com a forma como a história do feminismo tem sido feita, teleológica e progressiva. Para ela, esse tipo de versão impede a visão do reverso da experiência feminista:

“as contradições não resolvidas, as repetições obsessivas que parecem condenar uma geração a reviver o dilema da precedente, e a incapacidade de assegurar o direito de igualdade de representação política, mesmo depois de o voto da mulher – uma reivindicação tantas vezes repetida – ser uma prática irrevogável. Uma história feminista que admite sem discutir a inevitabilidade do progresso, a autonomia de agentes individuais e a necessidade de escolha entre igualdade e diferença reproduz sem qualquer questionamento os termos do discurso ideológico sob cujos efeitos o feminismo tem operado. Na verdade, o que lhe tem faltado é o devido distanciamento analítico”⁵¹ (p.24)

O problema, para ela, é tentar entender por que tem sido tão difícil estender às mulheres as promessas da Revolução, e a resposta não pode ser resumida à “crônica da luta heróica das feministas” e nem a uma explicação que dependa de fatores precedentes e externos à política. Devem-se analisar os conflitos recorrentes do feminismo como sintomas das contradições nos discursos políticos que produziram o próprio feminismo. Em outras palavras, é

⁵⁰ SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal – as feministas francesas e os direitos do homem*. Trad. De Élvio Antonio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1992.

⁵¹ As citações das páginas 23 a 26 são todas referentes à obra de SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal – as feministas francesas e os direitos do homem* e as páginas citadas seguem no corpo do texto.

preciso analisá-los como parte das idéias de individualismo, direitos e obrigações sociais do indivíduo, idéias estas possíveis a partir das Luzes.

Para Scott, a repetição na história feminista ultrapassa o conflito entre princípios universais e práticas de exclusão e atinge o problema da “diferença sexual”. Este, mais que um fato natural, é uma justificativa ontológica para um tratamento diferenciado no campo político e social. E é a partir da questão da “diferença sexual” que se constituiu o paradoxo que permeou toda a história do movimento feminista: “a fim de protestar contra as várias formas de segregação que lhes eram impostas, as mulheres tinham de agir em seu próprio nome, invocando, dessa forma, a mesma diferença que procuravam negar.” (p.18)

Dessa forma, a história do feminismo é paradoxal não porque possui estratégias de oposição, os paradoxos são elementos constitutivos do próprio feminismo, pois é formado por práticas discursivas de política democrática que iguala *individualidade* e *masculinidade*.

O significado de indivíduo é ambíguo. Pode significar tanto o protótipo abstrato do ser humano (muito usado em teoria política, por filósofos do Iluminismo e por políticos revolucionários), como pode significar um ser único, pessoa diferente das outras de sua espécie (conceito de filósofos como Rousseau e Diderot). A busca de uma base comum para a política rejeitou a noção de diferença. O indivíduo abstrato é a essência comum da humanidade e, assim, abstrai categorias diferenciadoras. Entretanto, é por uma relação de contraste que a individualidade é estabelecida:

“A fim de que todos os seres humanos pudessem ser concebidos como iguais, dentro desse ponto de vista, era necessário que os indivíduos fossem abstraídos das categorias diferenciadoras atribuídas a nascimento, família, riquezas, ocupação, propriedade e

religião, o que também acarretava seu tratamento como seres incorpóreos, independente de suas características físicas distintivas de fisionomia, cor da pele e sexo. Foi essa abstração que tornou possível estabelecer uma identidade humana fundamental, um conjunto de características universais, e, assim, foi aberto o caminho para que se pensasse na igualdade política, social e até econômica” (p.31)

E é justamente por se referir a um tipo singular, invariável, que essa abstração possibilitou a exclusão dos que não possuíam as características exigidas para um indivíduo. Nos séculos XVIII e XIX temos o desenvolvimento da psicologia da cognição, por exemplo, que levanta o problema da diferença; órgãos do corpo são tomados como fonte de impressões e de experiências do indivíduo (cor da pele, órgãos de reprodução) que sinalizavam a habilidade humana.

Temos, assim, uma contradição: o sistema de inclusão universal exclui o que não se enquadra como um indivíduo, o que não se encaixa em seu protótipo. O protótipo do indivíduo generaliza, ao mesmo tempo em que invoca uma noção única de indivíduo. A unicidade exige uma relação de diferença que a idéia de indivíduo pretendia negar. O conceito de indivíduo abstrato, não levou em conta questões sobre o processo que estabelecia os limites da individualidade e não permitiu, portanto, a variedade de indivíduos.

“A maneira mais típica de ver a individualidade e a diferença na política explicava a diferença como uma função de gênero, idealizada às vezes como uma divisão da função reprodutiva, e às

vezes como a expressão natural, e portanto inquestionável, do desejo heterossexual. Nesse enfoque, a variedade infinita das diferenças entre o eu e o outro era reduzida a uma questão de diferença sexual: a masculinidade se igualava a individualidade, e a feminilidade com a alteridade, numa posição fixa, hierárquica e imóvel (a masculinidade não era vista como o outro da feminilidade)”. (p.33)

A mulher não correspondia ao protótipo humano, era também o outro que confirmava a individualidade. A masculinidade era pré-requisito para a idéia de indivíduo e atribuir gênero à cidadania foi algo recorrente no discurso político francês. Para Rousseau, era a consciência da diferença sexual e, conseqüentemente, o desejo de possuir um objeto amado que distingue o homem civilizado do selvagem. Desejo este que se relacionava tanto ao amor, que liga um homem a uma mulher, quanto à discórdia política entre homens. Cem anos mais tarde, Durkheim faz uma analogia entre sua idéia de “solidariedade orgânica” e a heterossexualidade. Para Lombroso, todas as mulheres estão em uma só categoria, mas cada homem é um indivíduo em si, um caso único.

Invocar a “diferença sexual” como explicação dos limites dos direitos individuais foi o que historicamente possibilitou o surgimento das feministas, para apontar as incoerências dos supostos direitos universais – do homem: a noção republicana de indivíduo – sua definição universal e corporificação masculina – era, por elas, posta a nu. E na medida em que as feministas questionavam essas contradições, elas também assumiam um discurso paradoxal na medida em que discutiam, ao mesmo tempo, a relevância e a irrelevância de seu sexo.

A noção de coerência é fundamental para sistemas políticos e ideológicos como os do republicanismo francês em questão; ela é indispensável para que haja organização social e os sistemas se posicionem como competentes para praticar e exigir coerência. Na impossibilidade de sua real existência, tais sistemas políticos negam a contradição interna, a parcialidade ou a incoerência. É assim que a criação da “diferença sexual” foi uma forma de garantir a exclusão das mulheres. Não fosse por ela, seria incoerente.

As feministas aceitaram a necessidade de coerência e reclamaram que o sistema não cumpria suas próprias exigências. Entretanto, elas também se deram conta de que, ao adotar esse mesmo sistema político-ideológico, elas também teriam suas próprias incoerências. Foi então que começaram a questioná-lo e admitir a necessidade de repensá-lo. “Essa foi (e é) a força e o perigo do feminismo, a razão por que se provocava não apenas medo como também desprezo.” (p.39)

As feministas desenvolveram a habilidade de identificar e explorar as ambigüidades nos conceitos fundamentais da filosofia, da política e do senso comum:

“Tal habilidade era o resultado, na verdade, de um posicionamento discursivo que não só se situava dentro de uma contradição, mas ainda era de per si contraditório. As feministas consideravam os conceitos básicos de suas respectivas épocas de forma muito intranqüila, ou seja, viam-nos não como certezas científicas e morais, mas como tentativas ambíguas e duvidosas de impor ordem na organização social humana. Elas estabeleciam um elo entre esses conceitos e sua própria busca por direitos políticos, atendo-se às implicações duvidosas existentes no uso comum desses conceitos e fazendo com que as divergências sobre seus significados servissem para apoiar-lhes a causa”. (p.39/40)

Ainda que a noção de um padrão repetido de paradoxos pareça ser atemporal, os conceitos utilizados pelas feministas são frutos de uma época. As reivindicações por direitos formuladas por elas tiveram como base epistemologias diferentes e não devem ser lidos como uma consciência transcendente e contínua da Mulher, nem como uma experiência comum de todas as mulheres.

“A história do feminismo pode ser entendida como uma interação constante entre os padrões recorrentes de exclusão e uma articulação sempre variável de temáticas. Os termos dessa exclusão apresentavam reiteradamente a ‘diferença sexual’ como uma fronteira natural e fixa entre o político e o doméstico, isto é, entre o que representa a si mesmo e o representado; entre o autônomo e o dependente. Tais termos de exclusão, baseados em diferentes epistemologias, eram também variáveis e contraditórios, e isto produzia resultados fundamentalmente diferentes quando se tratava de conceituar ‘mulheres’ cujos direitos estavam sendo reivindicados.” (p.42)

O feminismo dos séculos XVIII e XIX e início do XX se concentrou na inclusão das mulheres nos direitos e deveres universais do indivíduo. Essas primeiras feministas reivindicaram o direito ao voto, aos direitos civis, à instrução e ao trabalho.

2.2 Feminismo no Brasil – século XIX

No Brasil não muito foi diferente, o sufrágio foi a primeira questão para as mulheres ainda no século XIX. Foram manifestações que se deram de forma individual e não coletiva, como, por exemplo, a gaúcha Isabel de Sousa Matos, em 1881. Dentista, requereu com base em uma lei que facultava o voto aos portadores de títulos científicos, o direito de se alistar. Foi vitoriosa em Porto Alegre, mas não foi bem sucedida quando novamente tentou no Rio de Janeiro em 1890.

“A questão do direito ao voto para as mulheres tinha atualidade e foi discutida na Constituinte republicana de 1891, tendo como defensores figuras tão ilustres como os posteriores presidentes da República Nilo Peçanha, Epitácio Pessoa e Hermes da Fonseca. O projeto não foi aprovado, mas a Constituição não proibiu explicitamente o voto das mulheres. A não-exclusão da mulher no texto constitucional não foi um mero esquecimento. A mulher não foi citada porque simplesmente não existia na cabeça dos constituintes como um indivíduo dotado de direitos”⁵²

Temos aqui a mesma questão, outrora levantada por Scott, em que indivíduo e cidadania se igualam a masculinidade. Entretanto, como as feministas francesas, muitas mulheres se aproveitaram dessa brecha na Consituição e requereram alistamento ao longo dos mais de 40 anos em que a Constituição de 1891 viveu.

O quadro desse primeiro momento do feminismo no Brasil era de uma República fruto de uma luta da oligarquia rural contra o centralismo monárquico recém-saído da

⁵²

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma História do Feminismo no Brasil. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2003. p.p. 16

escravatura. A partir de 1910, ocorrem algumas transformações importantes, apontando para o surgimento de uma cultura urbana e de uma incipiente classe média e classe operária, em que vozes dissonantes da oligarquia começam a surgir. As greves de 1917, a fundação do Partido Comunista do Brasil em 1922 e a Semana de Arte Moderna também em 22 são parte desse processo.

“Criou-se um caldo de cultura para o aparecimento de novas formas de organização da sociedade. O movimento das mulheres parece ser um exemplo das formas que essa organização podia tomar e aponta para um aspecto importante: não se tratava apenas de um grupo que lutava diante das instâncias do Estado, ou que simplesmente buscava deputados para propor projetos de seu interesse, mas de uma estratégia mais complexa. O uso constante dos jornais, a presença em eventos públicos e até a realização de uma passeata mostram que essas mulheres não eram apenas exceções excêntricas em uma época de recato, mas pessoas que pretenderam ampliar sua base de apoio buscando formar uma opinião pública a seu favor.”⁵³

Em 1910 foi criado o “Partido Republicano Feminino”, fato curioso, já que as mulheres não tinham direitos políticos e que a criação de um partido tem como objetivo chegar ao governo por meio de eleições. Demonstra claramente a intenção de suas fundadoras – a professora Leolinda Daltro e a poeta Gilka Machado – que era a luta dos interesses das mulheres na esfera pública.

A partir da década de 20, Céli Pinto identifica três vertentes no feminismo brasileiro. A primeira e mais organizada foi a “Federação Brasileira para o Progresso Feminino”, liderada por Bertha Lutz. Esta tem impacto nacional e seu foco principal é a incorporação dos direitos

⁵³ *Idem. Ibidem.* p.18

políticos às mulheres, com limites precisos, entretanto: “nunca define a posição da exclusão da mulher como decorrência da posição de poder do homem”, a inclusão de direitos se apresenta como complemento para o bom andamento da sociedade e não como transformações nas relações entre homens e mulheres, razão pela qual Pinto a denomina de “feminismo bem comportado”.

Céli chama a segunda vertente de “feminismo difuso”, apresenta-se nas variadas manifestações da imprensa feminista alternativa, composto por mulheres cultas (grande parte eram professoras, escritoras e jornalistas) e, como tais, defendiam a educação da mulher. Essas mulheres também tocaram em temas delicados para a época, como a sexualidade e o divórcio e, diferente do grupo de Lutz, consideraram a dominação dos homens e seu interesse em manter as mulheres fora do mundo público.

A terceira vertente está associada aos movimentos de esquerda, em especial ao anarquismo, mas também ao Partido Comunista, em seguida. Portanto, abordaram muitas vezes a questão da exploração do trabalho da mulher, articulando teses feministas com as anarquistas ou comunistas. Por defender a liberação da mulher de forma radical, foi chamada por Pinto de “o menos comportado dos feminismos”, tendo como grande expoente Maria Lacerda de Moura.

Nesta vertente, as feministas já enfrentavam alguns problemas semelhantes aos que as feministas da linha marxista também tiveram que lidar na década de 60: se por um lado os movimentos de esquerda, diferentemente do pensamento dominante do período, incorporava a mulher ao espaço público como companheira revolucionária, por outro tinha dificuldade em desvincular a questão da dominação da mulher da dominação de classe. Ainda assim, foi nesse espaço onde as feministas puderam se expressar de forma mais aberta e, diferente das sufragistas, apontavam deliberadamente a opressão masculina.

Existe um hiato no feminismo brasileiro entre as décadas de 30 e 60, creditado à conquista do direito ao voto, em 1932, e ao golpe de Estado de 1937 que liquidou todas as incipientes formas de organização civil do período.

2.3 Feminismos dos anos 1960

As décadas de 1960 e 1970 são de efervescência política e cultural em várias partes do mundo. A Guerra do Vietnã é responsável pelo fim do “sonho americano” – *american way of life* –, enquanto na Europa há uma desilusão com relação à revolução socialista liderada pela vanguarda inspirada nas experiências do Leste Europeu. Como vimos em capítulo anterior, a resposta veio através de manifestações jovens, como a insurgência de maio de 1968, em Paris, trazendo óticas alternativas para as relações de poder.

A questão das mulheres aproximava-as de outras questões, como as das (os) negras (os) e das (os) estudantes, daí a sua entrada no rol das “minorias”. A luta pelos direitos civis está relacionada aos protestos pela paz, contra as guerras e em uma perspectiva internacionalista.⁵⁴ É nesse contexto que surge um novo feminismo no mundo ocidental.

“Eram as relações de poder e hierarquia nos âmbitos público e privado que estavam sendo desafiadas. É nesse contexto que se discute o livro *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir, publicado pela primeira vez dez anos antes, e que as americanas lideradas por

⁵⁴ MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Feminismo Político do Século XX*. In: *Margem Esquerda*, n.9. São Paulo: Boitempo Editorial, junho, 2007. p.p. 129-143.

Beth Friedan tiram o sutiã em praça pública, um escândalo que até hoje provoca reações iradas.”⁵⁵

Mesmo considerando toda a diversidade do feminismo dessa época, podemos enquadrá-lo, de uma forma didática, em três grandes correntes: igualitário ou universalista, radical e o da feminitude. Ainda que as três correntes tenham distinções por sua filiação teórica, por seus conceitos e visão de mundo, bem como pelo lugar e pela natureza de seu olhar, as dimensões de análise privilegiadas e os objetivos relacionais e sociopolíticos que pretendem, podemos afirmar alguns pontos em comum entre elas: todas buscam a implantação de uma sociedade não sexista e um novo sistema de enunciados que forneça um novo sentido às relações sociais de sexo. Também se orientam buscando a emergência de sujeitos-mulheres plenamente autônomos.⁵⁶

Feminismo Igualitário

É o feminismo que ressurgiu na década de 60 e adota uma “questão das mulheres”. É a vertente que conseguiu reunir o maior número de mulheres, desde Betty Friedan, em 1963, e tem representantes até hoje. Herdeiro da tradição das sufragettes e dos movimentos anti-racistas estadunidenses, reivindica a igualdade de direito e de fato para todas as mulheres em nome do direito inalienável de cada indivíduo à igualdade e à autodeterminação.

Voltado mais para a ação, preocupou-se pouco com uma análise crítica da desigualdade. Para esta corrente, a igualdade é um fim - demonstrando, portanto, sua adesão ao

⁵⁵PINTO, Céli Regina Jardim. *Op. cit.* p.p. 42

⁵⁶DESCARRIES, Francine. Teorias Feministas: liberação e solidariedade no plural. In: *Feminismos: teorias e perspectivas*. Textos de História, vol. 8, n. 1/2, 2000.

pensamento liberal –, e a principal fonte de discriminação e de conflito entre os sexos são os papéis socialmente impostos na divisão sexual do trabalho.

O feminismo igualitário avaliava que as injustiças sofridas pelas mulheres são resquícios de condições socioculturais anacrônicas e que o acesso à igualdade se daria por meio da extinção das condições discriminatórias na esfera da educação, do trabalho e da política. Dessa forma, seria preciso modificar a socialização e a educação das meninas, reformular as tarefas domésticas na família e favorecer o acesso das mulheres aos locais de saber e de poder econômico ou político.

A ação desta corrente visava uma transformação das mentalidades e das práticas familiares e públicas e não necessariamente os papéis.

“Afim de que mulheres e homens pudessem realizar seu potencial como indivíduos livres e autônomos. Ideologicamente fundada sobre uma perspectiva otimista quanto a capacidade de reforma do sistema patriarcal, a corrente igualitarista contava com a vontade e o investimento pessoal das mulheres para obter uma igualdade de chances com os homens. Constitui, de certa forma, a plataforma moderada do movimento das mulheres”⁵⁷

Feminismo Radical

O feminismo radical ocupa o espaço teórico do movimento feminista dos anos 70, com nomes importantes como Kate Millet, Sulamith Firestone, Juliet Mitchel, Nicole-Claude Mathieu e Christine Delphy. Retoma alguns temas de Simone de Beauvoir, em especial a idéia de

⁵⁷ Idem. Ibidem. p.p. 16

que a hierarquização sexual, como modo de organização das relações sociais, não pode ser extinta enquanto todas as mulheres não forem libertadas de suas funções biológicas ou dos deveres de *maternage* (maternidade e cuidados), embora rejeite o que julga naturalista e sexista no pensamento de Beauvoir.

Se as igualitárias se ligaram às normas familiares, às regras do jogo político e ao individualismo da sociedade liberal, as feministas radicais se opõem a toda solução de compromisso. Para elas, a questão das injustiças contra as mulheres não era um anacronismo, como julgavam as igualitárias, e sim de uma ordem patriarcal sexista e de uma manifestação de poder alimentada pelos conflitos entre as classes de sexos (ainda que utilize um aparato conceitual marxista, as radicais recusaram a tutela do socialismo). As igualitárias criticavam os papéis, elas, as estruturas: “reivindicavam a abolição das instituições patriarcais para acabar com o determinismo biológico e concretizar seus objetivos libertadores.”⁵⁸

Dentro do feminismo radical, podemos identificar quatro grandes tendências, a saber: materialista, socialista, da especificidade ou autonomista e lesbiano. O materialista elege a classe dos homens como inimigo principal, uma de suas principais representantes é Christine Delphy. Já a análise das socialistas é a inter-relação entre as ordens patriarcal e capitalista. Ambas denunciam a ocultação e a apropriação do valor econômico do trabalho produtivo das mulheres e avaliam a maternidade como forma de opressão individual e coletiva.

O feminismo da especificidade, chamado de *Women Centered* nos EUA, tem uma concepção autonomista das lutas das mulheres. A família é o princípio da opressão comum e específica das mulheres, em especial na obrigação e gratuidade do trabalho doméstico. Na esfera analítica, tem como campo de observação o estudo da cultura da opressão e a ética das mulheres

⁵⁸*Idem. Ibidem.* p. 17.

tal como se exprimem através das representações, dos comportamentos e práticas da maternidade e a análise das relações mãe/filhas.

O feminismo lésbiano afirma que a heterossexualidade compulsória é a manifestação da aculturação ao poder e da sexualidade masculina. A lesbiandade ou a heterossexualidade são, portanto, escolhas políticas. Sua proposta é um trabalho teórico sobre o conceito de sororidade no quadro de um *continuum* lésbiano.

Todas as tendências radicais denunciam a sociedade patriarcal. Rompem com o ideal da repetição do “mesmo” e denunciam a naturalização da diferença entre os sexos como fundamento da opressão. Seu argumento principal é que as mulheres são oprimidas e exploradas individual e coletivamente em razão de sua identidade sexual e levantam o lema de que “o pessoal é político”.

Suas principais questões são as múltiplas manifestações sociais de opressão/exploração das mulheres, as relações de interdependência entre reprodução biológica e reprodução social e a arbitrariedade da divisão social do trabalho mercantil e não mercantil produzido pelas mulheres.

Podemos elencar suas características mais marcantes como a busca de uma teoria geral de relações de sexos, a identificação do patriarcado como sistema socio-econômico e político de apropriação das mulheres e o reconhecimento de uma classe das mulheres.

O feminismo radical é responsável por uma importante crítica epistemológica ao fazer um reexame crítico dos pressupostos e critérios do método científico. A começar pelas grandes narrativas que, ao pretender representar toda a experiência humana, traduzem a supremacia masculina. Para estas feministas, era preciso afastar a pesquisa feminista desse saber androcêntrico. A objetividade e sua pretensa neutralidade foi outro alvo das radicais que não

concordavam com a separação entre teoria e ação, entre pesquisadora e seus valores, entre subjetividade e experiência. Para elas, a pesquisadora ou pesquisador está sempre situado e é preciso reconhecer as dimensões hierarquizadas e institucionalizadas das relações de sexo.

Em contrapartida, sua proposta de análise integra a mulher como categoria sociológica e enfatiza seu ponto de vista e seu cotidiano. “Trata-se de romper com o *habitus* científico dominante. Inscreve-se assim, nos modelos teóricos, o sentido e a natureza das relações de ‘sexagem’, relendo-se a experiência das mulheres através da realidade de sua vida cotidiana.”⁵⁹

Uma das principais críticas que esta corrente recebeu foi a de ter escolhido abordagens consideradas negativistas. Por exemplo, a idéia de classe se concentra nos efeitos perversos, o que Kate Millet chamou de heterossexualidade perversa: violência conjugal, incesto, pornografia, mutilação sexual, dependência afetiva e social, etc. Geneviève Fraisse critica o radicalismo por não conseguir colocar a questão das necessidades comuns e essenciais das mulheres, dos homens e das crianças. Não há reflexão construtiva sobre a identidade e sobre a diferença.

Uma outra crítica é de que a insistência na noção de classe das mulheres rende a crítica de que se deu pouca importância à diversidade e multiplicidade das identidades sociais que constituem as mulheres como sujeito social, reiterando a lógica da dualidade.

Não se pode, entretanto, desconsiderar as contribuições do feminismo radical, e foram muitas. Foi responsável, por exemplo, por colocar em evidência o caráter específico da opressão das mulheres, de situá-lo e de desconstruir os argumentos naturalistas e culturalistas invocados para legitimar as relações de poder entre os sexos. Questionou as pretensões universalistas e todo

⁵⁹ *Idem. Ibidem.* p. 19.

um saber que excluía as mulheres, permitindo ver, através dos conceitos patriarcais de divisão sexual do trabalho e da dicotomia privado/público, que o problema não está na diferença entre os sexos, e sim na dominação. Também elaborou uma interpretação das violências contra as mulheres como um mecanismo de regulamentação social, um modo de controle social. Por fim, foi fundamental para inscrever as lutas das mulheres como luta social.

Feminismo da Feminitude

Nos anos 80, com a redescoberta do individualismo, com o retorno ao privado e com a valorização da qualidade de vida, o feminismo radical perde sua autoridade como modelo de intérprete e locus da mobilização política. Encorajadas por ganhos na esfera pública, muitas mulheres não queriam o sobressalto de desestabilização da vida a dois e da materialidade, e ocorre no feminismo uma reconciliação do feminino e do maternal.

Os principais temas desse novo feminismo são a maternidade, a identidade e a diferença, e eventualmente a relação homens/mulheres. Questões essas que foram acessórias para o feminismo igualitário e negadas pelo radical.

A marginalização da vivência de mulher e de mãe fizeram-na estabelecer uma ponte entre um radicalismo denunciador e um modelo igualitarista redutor. “Inquietas de ver tantas mulheres condenadas ao sobretrabalho, à pobreza e à exclusão, as feministas neo-igualitaristas puseram-se em busca de um novo alento.”⁶⁰

⁶⁰ *Idem. Ibidem.* p. 21

O pano de fundo dessa corrente era um “basta” às super-mulheres e o diagnóstico da crise da família e do casal. Dessa forma, muitas questionam a ineficiência e a parcialidade dos rearranjos encontrados nos papéis de sexo. Outras adotam um tom otimista para convidar as mulheres a tomar consciência de seu poder e incitá-las a usá-los de maneira positiva em suas negociações pessoais, profissionais e políticas.

2.4 Feminismo durante a ditadura militar no Brasil

O feminismo no Brasil sofreu forte influência dos debates acima vistos, porém, o golpe militar de 1964, que reprimiu a continuidade dos movimentos sociais, impôs condições severas para o seu desenvolvimento. Mesmo assim, o feminismo conseguiu sobreviver ao longo desse período e grande parte das militantes feministas estava envolvida ou foi simpatizante da luta contra a ditadura no país. A ditadura militar, inclusive, provocou algumas mudanças nas relações de gênero entre a militância de esquerda, mesmo sem necessariamente ter relação com o feminismo, como, por exemplo, a luta armada:

“representou uma profunda transgressão ao que era designado como próprio ao sexo feminino. Mesmo sem formular uma proposta feminista deliberada, as militantes ‘comportaram-se como homens’... A transgressão de gênero teve, na repressão e na tortura, uma dimensão punitiva específica.”⁶¹

Esta transgressão é ainda mais significativa se levarmos em conta a pouca aceitação que o feminismo teve no Brasil, tanto por parte da direita quanto da esquerda política. O

⁶¹ MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Op cit.* p.p. 131

feminismo, além de ter que lidar com o paradoxo de assumir uma perspectiva autonomista ao mesmo tempo em que se ligava à luta contra a ditadura militar, foi julgado por integrantes desta luta como “desvio pequeno-burguês”. A questão é que a acentuada desigualdade social que existia no país não podia ser desvinculada de qualquer luta específica:

“O movimento feminista, em países como o Brasil, não pode escapar dessa dupla face do problema: por um lado, se organiza a partir do reconhecimento de que ser mulher, tanto no espaço público como no privado, acarreta conseqüências definitivas para a vida e que, portanto, há uma luta específica, a da transformação das relações de gênero. Por outro lado, há uma consciência muito clara por parte de grupos organizados de que existe no Brasil uma grande questão: a fome, a miséria.”⁶²

Muitas e muitos foram exilados, grande parte jovem e solteira. Segundo Moraes, foi no exílio, ao se constituírem famílias, que as contradições de gênero se tornaram evidentes. As tarefas domésticas e os cuidados com os filhos continuavam sendo obrigações exclusivas das mulheres, mesmo que ex-guerrilheiras.

A França foi um dos principais asilos políticos das (os) exiladas (os) e lá se organizaram em grupos políticos, de diversos matizes marxistas. Algumas mulheres, desiludidas com os rumos que esses grupos tomavam, e tendo conhecimento da pouca importância que os

⁶² PINTO, Céli Regina Jardim. *Idem Ibidem*. p.p. 45

mesmos davam à luta específica das mulheres,⁶³ se aproximaram dos grupos feministas e criaram o *Coletivo de Mulheres no Exterior* ou *Círculo de Mulheres Brasileiras* que, segundo Moraes, foi a organização mais atuante e influente no exterior. E, não raro, como bem revela o grande escritor García Marquez em “Doze Contos Peregrinos”, é na experiência do exílio em que a questão identitária é fortemente marcada. Com o *Círculo de Mulheres* não foi diferente: “À medida que se consolidava como movimento social enraizado na realidade nacional e continental, adquiria – de forma muito mais profunda que a esquerda, sua própria especificidade latino-americana”⁶⁴.

O *Círculo de Mulheres* não abandonou a perspectiva classista. Pelo contrário, trabalhou simultaneamente a questão de classe e internamente criou-se um grupo de reflexão, nos moldes europeus – tipo de organização feminista que também se desenvolveu no Brasil, como veremos mais adiante. No Brasil, a relação do feminismo com a luta de classes foi tensa e dividiu as feministas entre as que concordavam com essa relação e entre as que pensavam o feminismo como movimento libertário e que davam mais ênfase ao corpo, à sexualidade e ao prazer.

“Ninguém melhor que o oprimido está habilitado a lutar contra a sua opressão. Somente nós, mulheres organizadas autonomamente, podemos estar na vanguarda dessa luta, levantando nossas reivindicações e problemas específicos. Nosso objetivo ao defender a organização independente das mulheres não é separar, dividir, diferenciar nossas lutas das lutas que conjuntamente homens e mulheres travam pela destruição de todas as relações de dominação da sociedade capitalista.”⁶⁵

⁶³ A revista *Debate*, dirigida na França pelo exilado político João Quartim, abriu espaço para a questão das mulheres. “Propunham uma análise marxista do trabalho feminino e da família, mas as questões sobre sexualidade eram descartadas.” In: MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Op cit.* p.p. 133.

⁶⁴ ARAÚJO, Ana Maria. Citado por MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Op cit.* p. 134

⁶⁵ Carta Política do *Círculo de Mulheres*, maio de 1976.

No Brasil, o ano de 1972 é marcado por dois importantes e bem distintos eventos feministas. O congresso promovido pelo Conselho Nacional das Mulheres, sob liderança da advogada Romy Medeiros⁶⁶ e o surgimento de reuniões de grupos de mulheres em São Paulo e no Rio de Janeiro. O congresso teve grande visibilidade na imprensa e contou com um público heterogêneo: congressistas, banqueiros, representantes da Benfam, Igreja e feministas de esquerda como Rose Marie Muraro, Heleieth Saffioti e Carmem da Silva.

“O seminário de 1972 já mostrava uma rearticulação interessante, que criava uma nova situação tanto para a própria esquerda como para os órgãos de repressão do período. Essa rearticulação possivelmente se constitui na grande novidade do feminismo e também em um dos problemas que lhe acompanharam na década seguinte: ao mesmo tempo que a questão feminista é um tema progressista por excelência, pois atinge o que há de mais tradicional na sociedade – o poder patriarcal -, ela obrigatoriamente não é perpassada pela questão política no sentido restrito do termo, o que possibilita um arco de alianças muito mais amplo do que o tradicional corte entre a direita e a esquerda.”⁶⁷

Já os grupos de mulheres, conhecidos como “grupos de reflexão”, faziam reuniões de caráter informal e eram exclusivamente voltados para e compostos por mulheres. Ao longo da década de 1970, surgiram dezenas de grupos semelhantes no Brasil e suas discussões eram próximas das discussões feministas da Europa e dos Estados Unidos.

⁶⁶ Criou em 1949 o Conselho Nacional de Mulheres que lutava por iniciativas institucionais em prol das mulheres. Durante a década de 1950, atuou junto ao Congresso Nacional pelos direitos das mulheres casadas, cujo fruto foi o “Estatuto da Mulher Casada”, aprovado em 1962. Segundo Céli Pinto, é considerada uma figura de transição entre o velho e o novo feminismo no Brasil. Assim como Bertha Lutz, teve boas relações com o governo, inclusive com os militares. O congresso em questão teve apoio da BENFAM (fundação estadunidense atuante no campo do planejamento familiar no Brasil durante o regime militar – que, em muitos momentos, soou como controle de natalidade), Coca-Cola e o alto clero católico.

⁶⁷ PINTO, Céli Regina Jardim. *Op. Cit.* p.p. 48

“Seguindo os mais estritos cânones do modelo de grupo de reflexão, não havia nenhuma formalização de organização interna, as reuniões centravam-se em temas pré-escolhidos, mas não havia pauta, nem exposição preparada, nem lição de casa, discutia-se tudo: de Virginia Woolf e Anais Nin a doenças venéreas, embora tenham demorado um pouco para falar de sexualidade [...] Havia o lado terapia sem guru, nem terapeuta, de terapia autogestionada para mulheres que no espaço competente eram analisadas por especialistas.”⁶⁸

A organização destes grupos surge como alternativa à impossibilidade do exercício político estabelecido pela ditadura⁶⁹. Eram compostos por uma geração de mulheres que viveram a década de 1960 como jovens adultas e estão associados a um vazio político da época, reforçado nas falas de muitas integrantes: “Parece haver quase um pedido de desculpa dessas mulheres por estarem tratando de seus problemas naquela época quando o país precisava tanto de ações políticas.”⁷⁰

Em 1974, inicia-se o retorno de algumas exiladas ao Brasil que se organizam em um grupo semelhante, o *Nós Mulheres*, que, assim como no exílio, permanecem com a perspectiva marxista sem, contudo, desprezar questões como sexualidade, família e relações de gênero.

O ano de 1975 é considerado um marco na história do feminismo, pois a ONU (Organização das Nações Unidas) declarou como o Ano Internacional da Mulher, realizando uma conferência sobre o assunto no México. A questão da mulher ganha um novo status com essa decisão, entra definitivamente para as questões de esfera pública. Neste mesmo ano, foi realizado

⁶⁸ COSTA, Albertina. “É viável o feminismo nos trópicos? Resíduos de insatisfação – São Paulo, 1970”. Cadernos de Pesquisa, n. 66, ago. São Paulo: Fundação Carlos Chagas: 1988. p.p. 65

⁶⁹ Outro exemplo de formas alternativas de organização política são os movimentos de mulheres que pontuaram suas ações a partir de questões locais, como, por exemplo, os movimentos contra a carestia e os clubes de mães. Ainda que de mulheres, não eram grupos feministas, uma vez que não questionavam a condição de opressão da mulher, partiam da condição de mulher – donas-de-casa, esposa e mãe – para intervir no mundo público.

⁷⁰ PINTO, Céli Regina Jardim. *Op. Cit.* p.p. 51

no Rio de Janeiro um evento, a fim de comemorar o Ano da Mulher instituído pela ONU, com o título “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”, inaugurando também o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira.

“Em todo caso, de repente se formou uma comissão de umas dez pessoas, entramos em contato com a Carmem da Silva e as reuniões foram para frente. Muita gente não quis participar por medo da repressão, apesar de termos conseguido um verdadeiro documento assinado pela ONU. Também pusemos um monte de homens na programação, porque era impensável na época fazer alguma coisa pública não-mista, e inventamos um nome pomposo de 'Pesquisas sobre o Papel e o Comportamento da Mulher Brasileira' para não usar o termo 'feminista', que assustava as pessoas”.⁷¹

As questões feministas também chegaram às mulheres trabalhadoras e aos sindicatos. O I e o II Encontro da Mulher que Trabalha, realizados respectivamente em 1977, no Sindicato dos Aeroviários, e em 1978, no Sindicato dos Metalúrgicos no Rio de Janeiro e o I Congresso da Mulher Metalúrgica de São Bernardo e Diadema, em São Paulo, são significativos para que a especificidade da questão das mulheres chegue entre as (os) trabalhadoras (es).

2.5 Partidarização e institucionalização do feminismo brasileiro

⁷¹ Depoimento de Maria Luiza Heilborn. In: GOLDBERG, Anette, 1987, p. 102. Citado por PINTO, Céli Regina Jardim, em obra citada.

O feminismo brasileiro da década de 1980 foi marcado por sua partidarização e institucionalização. O processo de redemocratização do país e, em especial, as eleições de 1982 dividiram as feministas em dois grupos: as peemedebistas e as petistas. A criação do CNDM (Conselho Nacional dos Direitos da Mulher) teve importância fundamental para que um conjunto de direitos das mulheres fosse assegurado na Constituição de 1988 e arregimentou várias feministas para cargos políticos em todos os âmbitos estaduais e federal.

O feminismo, entretanto, não se esgotou nas relações com o Estado. Grupos autônomos organizados atuaram em torno das questões da violência contra a mulher e da saúde da mulher. Mobilizaram campanhas nacionais na denúncia da morte de mulheres por crimes de “honra”⁷² e criaram organizações de apoio às mulheres vítimas, sendo o SOS Mulher, que surgiu em 1981 no Rio de Janeiro, o precursor e, a partir de 1985, surgem as delegacias da mulher.

Em certa medida, a experiência do SOS Mulher foi frustrante para suas militantes, ao perceberem que seus esforços não resultavam em mudança de postura das mulheres atendidas, uma vez que as mulheres agredidas, após um primeiro acolhimento, retornavam aos seus agressores. Dessa forma, a vitimização da mulher foi problematizada e a chave mulher-vítima *versus* homem-agressor passou a ser lida como redutora por algumas feministas, como é o caso do polêmico estudo de Maria Filomena Gregori, “Relações de Violência e Erotismo” - vale ressaltar que esta é ainda uma perspectiva minoritária entre as feministas, a análise de Gregori foi alvo de críticas apaixonadas por invisibilizar a especificidade da questão da mulher.

⁷² O assassinato de Ângela Diniz por seu ex-marido Doca Street, em 1976, amplamente noticiado pela imprensa por se tratar de um crime que envolveu a elite carioca, inaugurou as campanhas públicas feministas contra a violência contra a mulher.

A institucionalização do feminismo abriu caminho para a sua profissionalização que, a partir dos últimos anos da década de 1980, é mais perceptível pelas organizações não-governamentais:

“A experiência institucional realizada através da Fundação Ford serviu de paradigma para a institucionalização de grupos e militantes feministas e pela introdução da ideologia e das práticas das organizações não-governamentais” (ONGs). Outra financiadora importante tem sido a holandesa NOVIB, que atua até hoje. A constituição das ONGs foi o primeiro passo da institucionalização de uma série de grupos e propostas de trabalho e a fixação de uma agenda comum, no início, ditada pelo movimento e, paulatinamente, passando ser influenciada pelas organizações financiadoras internacionais.”⁷³

A militância feminista autônoma no Brasil foi perdendo espaço para um feminismo cada vez mais vinculado ao governo e para um feminismo formatado em ONGs caracterizando sua paulatina profissionalização.

⁷³ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Op. Cit. p.

CAPÍTULO 3

FEMINISMOS: IDADE/GERAÇÃO E JUVENTUDE

3.1 Idade/geração

Desde os anos 70 algumas correntes feministas chamam a atenção para a vulnerabilidade de qualquer categoria unificadora das mulheres que, ao pretender dar conta da totalidade do universo de mulheres e falar em nome de todas elas, deixou de fora outras questões que atravessam a sua condição de gênero: raça/etnia, orientação sexual, nacionalidade. A universalidade foi questionada frente à extrema variabilidade de situações vividas pelas mulheres e pelas questões sociopolíticas que fazem surgir.

“Feministas afro-americanas, coletivos de mulheres imigrantes ou autóctones, lesbianas ou ativistas dos países do Sul, para nomear apenas as mais presentes, acusavam as teorias feministas de silenciar suas situações respectivas e de promover um modelo de liberação pouco adaptado às necessidades das mulheres de condições sociais e de culturas outras.” (p.29)

Butler alega que essa pretensão a uma base universal para o feminismo é também uma tentativa de colonização e de apropriação de culturas não ocidentais. Uma forma de

instrumentalizá-las para confirmar noções marcadamente ocidentais de opressão. A busca por um *status* universal do patriarcado, a fim de fortalecer a representatividade das reivindicações do feminismo, desembocou em uma “universalidade categórica ou fictícia da estrutura de dominação, tida como responsável pela produção da experiência comum de subjugação das mulheres.”⁷⁴

Ainda segundo Butler, esta idéia de universalidade é problemática porque o gênero está relacionado a contextos históricos diferentes e estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais, etárias/geracionais, e regionais de identidades discursivamente constituídas. Ou seja, é uma pretensão política errônea do feminismo uma base universal para o feminismo, uma identidade única das mulheres, pois supõe uma forma singular na estrutura universal da dominação patriarcal.

As categorias idade/geração incluem-se nesse bojo de especificidades que fez com que o feminismo deixasse de falar em “mulher” e passasse a tratar de “mulheres”. O acompanhamento das diferentes posturas geracionais permite uma visão diacrônica, uma percepção das continuidades e descontinuidades na trajetória das gerações de mulheres contemporâneas.

“Categorias de grande complexidade analítica, porque se realizam num entrelace mútuo que se faz e desfaz, ao mesmo tempo em que se articulam com outras categorias relacionais, em imagens caleidoscópicas ou como dimensões co-extensivas, isto é, 'recobrem-se parcialmente uma à outra’⁷⁵

⁷⁴ BUTLER. *Op. Cit.* [2003], p. 21.

⁷⁵ MOTTA, Alda Brito da. “Gênero e geração: de articulação fundante a “mistura indigesta””. In: FERREIRA, Silvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo (orgs). *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea*. Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher – NEM FFCH/UFBA, 2002. p. 40

As conjunturas históricas constituem a geração e o efeito de cada conjuntura é distinto de acordo com a idade, a classe e em cada categoria de sexo. Algumas dessas relações já foram exploradas por estudiosos, como Mannheim.⁷⁶ Este, homem de seu tempo, define a juventude e a geração marcadas rigidamente por faixa etária e estágios da vida, quando se trata de uma criação sócio-cultural, no caso, das sociedades modernas.⁷⁷ Mannheim faz um paralelo entre “classe” e “geração” no sentido de ambos se definirem por uma “situação comum”. Se “classe” se define por uma “localização comum que certos indivíduos possuem na estrutura econômica e de poder de uma dada sociedade”, “geração” é uma localização comum na dimensão histórica do processo social de pessoas de um mesmo grupo etário. Essa localização comum “expõe os indivíduos a uma gama específica potencial de experiências, predispondo-os a certos modos característicos de sentimento, pensamento e comportamento.”⁷⁸

Para Mannheim, a geração está inserida na dinâmica da transmissão do acervo cultural, ou seja, a herança e a criação cultural está sujeita ao surgimento de novos participantes e desaparecimento de antigos. A geração ainda está ligada ao ritmo de mudança social e é nesse ponto que se encontra a importância da juventude, pois o estilo geracional é engendrado nessa fase. É nesse momento que as pessoas refletem e questionam as informações recebidas, que os problemas se localizam num “presente” e são experimentados enquanto tais.

Mannheim argumenta que a importância da experiência se dá quando esta é incorporada concretamente ao presente e que é a memória pessoal a responsável pelo

⁷⁶ MANNHEIM, Karl. “O problema das Gerações”. 1920.

⁷⁷ GROppo, Luís Antônio. “A juventude como categoria social”. In: *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: Ed. Difel, 2000.

⁷⁸ ABRAMO, Helena. Op. cit. 1994, p. 47.

conhecimento ter um poder constringente real. É por isso que a juventude é uma fase sensível às mudanças sociais, pois está atenta aos seus dados problemáticos, e é nesse momento que a personalidade se constitui de forma a incorporar primeiramente as mudanças sociais em seu comportamento e, dessa forma, tem mais possibilidade de inovar com a cultura. É nisso que consiste a atualidade da juventude: por estar mais próxima dos problemas presentes, está mais atenta e disposta a tomar partido nos processos de desestabilização.

Mannheim define também o conceito *unidade de geração*. Uma geração não é homogênea nas formulações de respostas, assim, “grupos no interior da mesma geração real que elaboram o material de suas experiências comuns através de diferentes modos específicos, constituem unidades de geração”.⁷⁹

Com respeito às relações entre geração e sexo, Balandier, em 1976, questionava a falta de uma perspectiva articulada entre estas duas dimensões, pois, para ela, são categorias primárias ou fundantes da vida social. Motta, em recente estudo que relaciona gênero e idade/geração focando a velhice, também parte dessa premissa biológica, ainda que em determinada passagem de seu texto admita: “O “biológico” idade, referente ao tempo “natural”, não é também de inscrição tão subjetiva nos indivíduos e nos grupos, no seu desconstruir-se/(re) construir-se ao sabor das representações culturais de cada grupo?”⁸⁰

A referência ao biológico é criticado por algumas importantes linhas, como, por exemplo, os estudos pós-estruturalistas, por naturalizar conceitos históricos como “idade”, ou ainda “homem” e “mulher” e prioriza a análise das construções de significado e das relações de poder. Assim, o que está em questão são as hierarquias e as divisões. “O pós-estruturalismo e o

⁷⁹ MANNHEIM, K. *O problema das gerações*, citado por Abramo (1994), p. 49.

⁸⁰ MOTTA, Alda Brito da. MOTTA, Alda Brito da. “Gênero e geração: de articulação fundante a “misutra indigesta””. In: FERREIRA, Silvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo (orgs). *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea*. Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher – NEM FFCH/UFBA, 2002. p. 41/42.

feminismo contemporâneo são movimentos de fins do século XX que compartilham uma certa relação crítica auto-consciente diante das tradições política e filosófica estabelecidas.”⁸¹

“O pensamento feminista contemporâneo interroga-se assim, cada vez mais, sobre o ser mulher, sobre o ser com o outro ou os outros. As noções de diferença, de indiferença, de diferenças, de identidade e de igualdade instalam-se no centro dos debates pelas feministas e suas críticas, enquanto a reflexão política centra-se, aos poucos, sobre as possibilidades de desenvolver e de manter uma perspectiva feminista solidária, ou global, que permitiria às mulheres permanecer em relação umas com as outras, ‘para aprender uma das outras, apesar da diversidade dos problemas e da necessidade de soluções particulares, adaptadas ao contexto’. Em direção a um feminismo plural, pluralista e solidário.”⁸²

Os estudos de gênero, nesse sentido, são utilizados como possibilidade teórica de sair da concepção dual e imutável das relações entre os sexos. Essa é uma das razões expostas por Scott em seu conhecido artigo “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”: pôr fim a toda representação ou interpretação homogeneizante do mundo das mulheres. Para ela, gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas na diferença sexual. E para percebê-lo dessa forma é necessário considerar quatro aspectos que estão inter-relacionados, a saber: as representações simbólicas, as normas culturais, a política, as instituições e organização social e, por fim, a identidade subjetiva.

⁸¹ SCOTT, Joan W. “Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista”. In: *Debate Feminista* (Cidadania e Feminismo), n. especial, 2000. p. 204

⁸² DESCARRIES, Francine. Teorias Feministas: liberação e solidariedade no plural. In: *Feminismos: teorias e perspectivas*. Textos de História, vol. 8, no. ½, 2000. p. 30

Além disso, o gênero é uma forma primária de significar as relações de poder. Percebe-se aqui um deslize de Scott com relação à própria teoria que utiliza: ao atribuir o status primário a gênero, concorda com a existência de categorias fundantes que, como vimos, é contraditório com a linha de raciocínio sugerida pela linha pós-estruturalista.

Scott também argumenta que os conceitos de gênero estão estabelecidos como um conjunto objetivo de referências que estruturam a percepção e a organização, concreta e simbólica, da vida social. Essas referências acabam por estabelecer distribuições de poder, “um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos”⁸³, de forma que o gênero se insere na concepção e na construção do próprio poder.

Os estudos sobre relações de gênero é importante na percepção de uma mudança de um feminismo cada vez menos militante e mais acadêmico:

“Os “estudos sobre a mulher” – predominantes nos anos de militância feminista – precedem o que hoje é conhecido como “estudos de gênero”, comprovando a passagem gradativa de militantes do movimento social para a esfera acadêmica. Não se trata mais de denunciar a opressão da mulher, mas refletir, teoricamente, sobre a dimensão “sexista” de nosso conhecimento e os riscos das generalizações.⁸⁴

As produções acadêmicas sobre a temática gênero surgem na academia entre as décadas de 60 e 70. Gayle Rubin é uma das primeiras a inovar nessa perspectiva ao tentar romper,

⁸³ SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica.” In: *Revista Educação & Realidade*. v. 20 (2), jul/dez, 1995.

⁸⁴ MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Feminismo Político do Século XX*. In: *Margem Esquerda*, n.9. São Paulo: Boitempo Editorial, junho, 2007

ao menos parcialmente, com as explicações de tradição marxista de opressão sexual, e buscar uma teoria que explicasse o sexo como produto da sociedade e não uma característica inata que justificasse a opressão das mulheres, a partir de instrumentos conceituais de Freud e Lévi-Strauss, definindo, portanto, o “sistema sexo-gênero” como “uma série de arranjos pelos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e nos quais essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas”⁸⁵.

Entretanto, essa tentativa de expurgar o determinismo biológico na afirmação de que o sexo é uma construção social vem sofrendo críticas feministas ao expor que o debate sexo-gênero deixa em aberto que as diferenças resultam, portanto, das diferenças sexuais. A crítica é de que os sinais corporais não se separam das idéias sobre eles, de que a materialidade não é irreduzível, de que o social é corporificado - Sterling⁸⁶, insiste na necessidade de se repensar os conceitos de gênero, cultura e experiência que, até então, estiveram imbricados no pensamento dual ocidental. Butler⁸⁷ afirma que a distinção sexo-gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos e questiona o caráter imutável do sexo, afirmando que este também trata de uma construção cultural e que, portanto, o sexo sempre foi o gênero, não havendo necessidade de distinção. Aliás, para ela, essa distinção é uma forma de assegurar a instabilidade interna e a estrutura binária dos discursos ocidentais, contrariando, assim, a proposta feminista pela qual foi pensada.

Num estudo sobre a natureza imaginária do gênero, a antropóloga Mariza Correia⁸⁸ discute que “a trajetória de algumas personagens femininas põe em xeque a suposta

⁸⁵ RUBIN, Gayle. “O Tráfico de Mulheres: notas sobre a ‘Economia Política do Sexo’”. In: *Pensando sobre o sexo: notas para uma teoria radical da sexualidade*. 1975

⁸⁶ STERLING, Anne. “Normatizando a sexualidade I”. In: *Duelo – Cadernos Pagu* (17/18). Campinas, 2001/2002.

⁸⁷ Butler. *Op. Cit.* [2003], p. 24/25

⁸⁸ CORREIA, M. “A natureza imaginária do gênero na história da antropologia” IN: *Cadernos Pagu* (5). Campinas, Núcleo de Estudos do Gênero/UNICAMP, 1995. p. 109

impermeabilidade das categorias masculino/feminino no sistema de classificações de gênero. Quando seres socialmente definidos como parte da cena privada são encontrados na cena pública, a ambigüidade de sua posição os coloca numa categoria anômala, como integrantes de uma espécie de “natureza imaginária”. Assim, analisa o caso de mulheres que, ao ocuparem o espaço público, ou seja, fora do seu “espaço natural”, têm seu estatuto definido de forma ambígua, não são nem homens, nem mulheres, são uma androginia. Separando-se sexo de gênero, fica claro que as definições de feminino e masculino são explicitadas em disputas pelo poder, pelo prestígio ou por privilégios.

Há uma forte contra-crítica às afirmações pós-estruturalistas acerca do sujeito político do feminismo. Para Descarries, o futuro dos estudos feministas depende da capacidade para analisar os problemas e contradições de duas questões: escolhas e recusas formuladas pelas mulheres e insistência na identidade feminina: “manter a consciência de um destino comum de mulheres que atravessa o conjunto das relações sociais, atenta à diversidade das identidades, das preocupações e das experiências das mulheres, tanto em escala local quanto nacional e planetária.”⁸⁹ Para ela, a perspectiva pós-moderna não permite uma resposta adequada às exigências teóricas e aos objetivos políticos do movimento das mulheres, por propor como único recurso a alternativa anti-racional e pela evocação isolada dos cânones da modernidade.

Estas são algumas das questões que afligem o feminismo contemporâneo: quais são as propostas de definições do movimento das mulheres e de seu sujeito político? E como organizar uma luta feminista solidária, aberta às diversidades sem cair em uma infinita fragmentação?

⁸⁹ DESCARRIES. *Op cit.* 2000. p. 12

3.2 Juventude e feminismo

A cultura juvenil feminista riot grrrl não é uma manifestação isolada. A reivindicação por uma categoria específica, a de juventude, foi engendrada durante a década de 90, possibilitada em grande parte pelos debates sobre as diferenças.

Alguns recentes eventos são úteis no entendimento de uma política feita por e para jovens mulheres feministas na América Latina. O primeiro, o manifesto produzido pelas jovens presentes no encerramento do IX Encontro Feminista Latino-Americano, em San José, Costa Rica, em 2002, marcando especificidades das mulheres jovens: "o modelo neoliberal e globalizador aumenta a violência e afeta diretamente as mais jovens, especialmente o tráfico de mulheres, a pornografia na Internet e a valorização da publicidade sexista".⁹⁰

No ano seguinte, nota-se novamente a categoria jovem demarcar espaço dentro do feminismo: a oficina "Jovens Mulheres Políticas da América Latina: Movimentos e Demandas", organizado pelas integrantes jovens do Fórum de Mulheres Políticas do Cone Sul, na terceira edição do Fórum Social Mundial (FSM), em 2003, com cerca de 70 mulheres jovens de vários lugares: Brasil, México, Paraguai, Argentina, Equador.

"Fernanda Papa, jovem coordenadora de projetos de gênero da FES - Friedrich Ebert Stiftung, que apoiou a oficina realizada no Fórum, destacou a importância da iniciativa, como forma de dar visibilidade às mulheres jovens, afirmando que: 'as jovens não são vistas e temos de nos afirmar como uma

⁹⁰ [Trecho do manifesto. In: LUNA, Iéris. "E as mulheres jovens, gritam por quê? In: Publicações CFEMEA \(Centro Feminista de Estudos e Assessoria\). Brasília: Fevereiro, 2003.
http://www.cfemea.org.br/publicacoes/artigos_detalhes.asp?IDArtigo=8](http://www.cfemea.org.br/publicacoes/artigos_detalhes.asp?IDArtigo=8)

parcela da população que também quer ser reconhecida como cidadã inteira’.”⁹¹

Neste FSM também houve atividades feministas no Acampamento Intercontinental da Juventude. Muitas destas organizadas pela Marcha Mundial das Mulheres do Brasil, em colaboração com uma representante do Comitê de Jovens da Federação das Mulheres de Québec.⁹²

No manifesto apresentado no IX Encontro, as feministas jovens debateram bastante em torno da questão de um espaço próprio: "Consideramos imprescindível a existência de espaços próprios para que as mulheres jovens se auto-organizem e vençam as limitações e obstáculos que nos impõe o atual sistema neoliberal". O manifesto propõe a criação de fóruns na internet, a otimização de redes de comunicação entre os espaços de organizações de mulheres, a criação de encontros mais regulares, garantir a participação ativa e representativa da juventude nas comissões organizadoras dos encontros.

Já no X Encontro, a demanda por espaço parece ter sido contemplada. Há representantes jovens na Comissão Organizadora e no Comitê Consultivo Nacional, além de debates e oficinas em torno da questão juvenil no feminismo⁹³. Neste encontro, houve a participação riot grrrl, com a oficina “Consenso Sexual para Jovens Lésbicas”, ministradas por Geisa França e Elisa Gargiulo, militantes do Grupo Feminista Quitéria.

⁹¹ LUNA, Iéri. *Op. cit.*

⁹² BEAULIEU, Elsa (Comitê de Jovens da Confederação das Mulheres de Québec). “Feminismo e Nova Geração Política”. In: http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_beaulieu_por

⁹³ Fernanda Grigolin (Jovens Feministas de São Paulo) na Comissão Organizadora e Débora Nogueira (Movimento Jovem Feminista/AC) no Comitê Consultivo Nacional, além de um debate sobre juventude na programação principal e 8 oficinas abordando vários aspectos que atingem a mulher jovem. In: <http://www.10feminista.org.br/pt-br>

Grupos feministas de diversas naturezas políticas dialogam e se encontram pontualmente em torno de questões em comum, no caso as que envolvem a juventude. Em 2003, surge o grupo *Jovens Feministas de São Paulo*, ao que parece, uma demanda da organização feminista União Brasileira de Mulheres (UBM),⁹⁴ que, por sua vez, está ligado ao Partido Comunista do Brasil (PC do B). Já a “Rede Jovens Brasil – Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos”, de caráter representativo, atua no Conselho Nacional de Juventude.⁹⁵ As jovens partidárias, as ligadas a ONGs ou mesmo as riots em que suas reflexões e práticas estão inseridas numa cultura feminista, um estilo de vida, citando apenas alguns exemplos, fortalecem a idéia de uma perspectiva jovem nos rumos do feminismo contemporâneo.

Algumas demandas específicas colaboram na construção de uma proposta jovem no feminismo. As questões em si não são exclusivas das jovens, são temas que o feminismo sempre lidou, mas a condição jovem e geracional perpassam a condição de mulher. Temas como sexualidade, maternidade, mercantilização do corpo, estereótipos fixos de gênero, combate à exploração sexual de meninas e ao turismo sexual e uma educação feminista em busca de um mundo mais justo são preocupações em comum desses vários grupos que reivindicam para si a identidade feminista e a identidade jovem.

A marca “jovem” se dá a partir de sua localização geracional. Idade/Geração são realizadoras ou participantes das relações de poder e, portanto, uma análise de seus mecanismos possibilita a observação da construção de diferenças e de desigualdades sociais⁹⁶. O Manifesto do

⁹⁴ “Foi criado a partir do Projeto Gral (Gênero, Reprodução, Atuação e Liderança) da Fundação Carlos Chagas. Fazia parte de uma das etapas do projeto formar um grupo de jovens feministas ligado à União de Mulheres de São Paulo. “A princípio, era um grupo só de discussão, depois começamos a pensar em um trabalho de intervenção. Nestes dois anos, já passaram pelo grupo cerca de 40 jovens, atualmente somos 20.” - Entrevista de Fernanda Grigolin, integrante do grupo Jovens Feministas de São Paulo, ao *Jornal da Cidadania*, n.131 – outubro/novembro de 2005. In: <http://www.ibase.br/modules.php?name=Conteudo&pid=498>

⁹⁵ Agência de Notícias da Rede Jovem de Cidadania. http://www.aic.org.br/rede/agencia/boletim_ano_03_05.htm

⁹⁶ MOTTA, Alda Brito da. *Op. cit.* p. 39

IX Encontro critica a ausência de um diálogo igualitário, sinalizando a hierarquização do movimento feminista. Essas categorizações e posições fundam diversidades, diferenças e oposições entre indivíduos e entre coletivos. Separam mulheres e dificultam a sororidade desejada, muitas vezes, pelo feminismo, ou parte dele.

“A mexicana Elizabeth Plácido, do grupo de jovens Elige, acredita que uma das questões a serem enfrentadas é a ausência de estratégia para as novas ativistas. Mesmo reconhecendo que as feministas das gerações anteriores conquistaram mais espaço para as mulheres e promoveram mudanças importantes – que inclusive influenciaram o cotidiano das mulheres atualmente –, deve-se perceber que as jovens feministas vivem em um mundo diferente, marcado pela globalização, pelo neoliberalismo, por avanços tecnológicos e que esses fatores devem ser considerados para a luta das mulheres jovens.”⁹⁷

Dessa forma, os feminismos jovens, incluindo as feministas riot grrrls, têm conquistado espaço dos feminismos como um todo, legitimado, assim, as suas demandas específicas. Muitas correntes assistem com receio a esta fragmentação dos feminismos por tornar cada vez mais distante uma causa comum das mulheres, convergindo apenas pontualmente. Entretanto, as que reivindicam o reconhecimento das especificidades no feminismo sustentam um discurso de que o feminismo não pode mais se esquivar das limitações que a categoria universalizante “mulher” provoca nas análises feministas e de gênero.

⁹⁷ MIELLI, Renata. In: Olhar Vital. Rio de Janeiro: UFRJ, 09 de março de 2006. http://www.olharvital.ufrj.br/ant/2006_03_09/materia_saudeemfoco.htm

CAPÍTULO 4

FEMINISMO *RIOT GRRRL*

4.1 Cultura juvenil feminista – linguagem e personalidade

Um dado importante desse feminismo é o seu caráter jovem. Tanto em idade – a média é entre 13 e 25 anos – como nos temas e atividades que desenvolvem. Trata-se de uma grande inovação para o feminismo, pois, ainda que sempre houvesse mulheres jovens nas organizações feministas em geral, nunca houve jovens feministas, no sentido de uma pauta específica para este segmento. Suas questões sempre se voltaram para a mulher adulta: creches, salários, licença maternidade, paridade parlamentar, entre outros. A questão da infância e da juventude foi tratada na medida em que envolvesse o universo adulto. Nesse sentido, a juventude da cultura *riot grrrl* nos permite adentrar numa cara questão que tem envolvido os feminismos atualmente: identidade e representação. As particularidades que desafiam a categoria “mulher” – a mulher lésbica, a mulher negra, e, no nosso caso, a mulher jovem, obrigaram o movimento feminista a repensar a unidade e representação que propunham.

A música e a linguagem são, provavelmente, as responsáveis pela adesão de uma parcela das mulheres pelo qual o feminismo tem dificuldades em penetrar e o que diferencia o

riot grrrl de outros feminismos, de formatos mais sisudos. Sendo assim, é uma forma de feminismo que não rejeita a diversão, contrariando o formato sério, muito concentrado em palavras, falada ou escrita. O *riot grrrl* também é feito de palavras, mas também de som e de cores:

“Geisa e Elisa, intercalando suas falas, explicaram, em poucos minutos, que o feminismo que estavam propondo busca o empoderamento das meninas. - Ressaltaram que isso só é possível quando a questão de fato faz diferença na vida dessas garotas. Que é importante que esse espaço feminista seja um lugar em que elas se sintam à vontade e que tenha a mesma linguagem delas. Daí a importância da música, pois ela quebra a dureza da política e faz com que o chavão “não gosto de política” seja rompido. É possível fazer política de forma mais divertida, é possível tratar questões sérias de forma menos sisuda. E essa é a diferença entre esse feminismo jovem e outros feminismos tradicionais: a linguagem. Além disso, o próprio fato de ser jovem já as diferencia dos outros feminismos atuais e disseram que o Lady Fest é o maior evento feminista jovem da América Latina” (Caderno de Campo – Bate Papo de Abertura do Festival Lady Fest 2007).

Com uma linguagem própria, elas buscam seus temas em seu dia-a-dia. O cotidiano é a fonte de inspiração para as bandas e *zines* e o lugar da prática feminista das *riots grrrls*. O tom biográfico é constante, é muito comum os textos dos *zines* começarem na primeira pessoa, com um tom pessoal ou um relato de um episódio ocorrido:

“Mesmo antes de passar a militar pelo movimento feminista, eu nunca o achava uma ofensa se me diziam que eu era feminista.” (Megafemme zine, #1, out/2006)

“Tudo começou quando fui mal no vestibular e decidi dar um rumo a minha vida. Lançar um zine parecia uma boa idéia, dessas revolucionárias, que mudam o mundo, bem o que a gente quer.” (Com texto zine, #1/jan/2006)

“... Mais algumas garotas sentadas e começamos a conversar. O assunto? Sexo! Discutíamos sobre o descaso em relação à falta de preservativos femininos para se fazer oral.” (Zine Homo Multi-Ação, #1)

Muitas vezes, as bandas também usam dessa personalidade, como num diálogo com a ouvinte: “Deixa de besteira, menina encanada, ou você se assume ou nunca será nada. Essa escravidão de moda e televisão, não te diz respeito, essa beleza vomitada. Pense por si só e não se diminua, olhe ao seu redor a vida continua. Seu corpo e sua cabeça serão respeitados” (Música: Menina Encanada, Banda TPM).

Da mesma forma, é possível notar em seu ativismo. Claudia Rom faz de sua banda “Santa Claus” uma militância contra o silêncio das mulheres com relação à violência sexual, em especial ao abuso sexual infantil.

“Na Santa Claus eu fiz uma letra chamada Lembranças Proibidas que fala sobre abuso sexual infantil e sobre a minha que sofri em minha casa. E dentro da minha casa é impossível conversar sobre isso. Eu já tentei duas vezes, depois que eu fui para o Santa Claus. E aí na época que eu fiz essa música, eu fiz uns panfletinhos com umas letras minhas e distribuí num barzinho gay, no Bocage,

que não é do rock, não é da luta feminista, é só um barzinho gay. Eu distribuí lá, falando da banda e que ia ter show, e eu lembro que eu grampeava os panfletos no flyer do próximo show. E aí quando eu voltei lá pra distribuir novamente, umas 7 meninas vieram falar comigo, meio olhando pra baixo, cabisbaixas pra ninguém ouvir: “Ah, legal o seu projeto, mas é você que faz? To pesquisando e tal...” até chegar no assunto da letra “Lembranças Proibidas”. E aí elas acabavam falando o que elas tinham passado e que ninguém nunca soube e que eu era a primeira pessoa a saber. Ou seja, elas precisaram... Preciso de uma desconhecida delas chegar, escrever uma coisa dessas, mostrar pra elas, pra elas poderem falar. Na casa delas elas não puderam, com as amigas delas elas não puderam, com as namoradas elas não puderam. Quer dizer, com ninguém elas puderam fazer aquilo. E ao mesmo tempo que me deu essa tristeza de ver a realidade mesmo de perto, me deu a alegria de poder compartilhar, ajudar. Porque como eu mesmo disse, eu não pude trabalhar isso comigo mesmo, tive que ter a coisa da banda pra poder conversar sobre as minhas coisas e as coisas delas, falar e mantendo uma posição forte pra elas confiarem e poderem conversar. Isso aconteceu várias vezes, com outras pessoas, com pessoas próximas a mim que não sabiam. Eu conversei sobre essas letras umas mil vezes sobre essa fase e me ajudou muito, antes de ajudar a qualquer pessoa, ajudou a mim mesma.”

O feminismo nesse contexto, aparece como algo espontâneo, como parte de suas vidas. Nas entrevistas, elas assumem ser feministas antes de qualquer outra afirmação; antes de ser do rock, antes de ser jovem, antes de ser lésbica, bi ou heterossexual e muitas vezes identificam a origem do feminismo em suas vidas antes mesmo de saberem o significado da palavra e nem mesmo ter um ativismo definido como é a cultura *riot grrrl*.

“Eu me identifico primeiro como feminista. Depois com o *riot grrrl* que eu acho que é uma sub-divisão do feminismo, tá ligado ao *punk*

[...] Eu acho que é necessidade, no dia-a-dia acho que toda mulher sabe que o que toda mulher passa e é meio que uma necessidade. Pra mim, eu não consigo pensar em não ser feminista dentro da sociedade que a gente vive. Eu acho que é meio óbvio, tipo, pra mim, pelo menos, pra outra mulher não. E enquanto feminista dentro do movimento *punk* eu acho que é normal ser *riot grrrl* porque o meio é muito machista. Então, eu acho que é necessidade mesmo. Eu tenho que ser feminista pra estar nesse meio, pra poder enfrentar esse *status* que é totalmente masculino.” (Marcela, em entrevista)

“Eu uso o feminismo na minha vida, nas minhas idéias. Eu acho que é essa a revolução que eu quero.” (Débora, em entrevista)

Eu não decidi ser feminista, eu vi que eu era feminista. Eu só não sabia. Eu era meio limitada ainda, mas o fato de eu sozinha, criança, ter falado 'não!' para o meu avô, para o meu corpo, foi o maior ativismo da minha vida. Sozinha.” Claudia, em entrevista).

Por adotarem este feminismo do dia-a-dia e com uma linguagem jovem, esta cultura, por vezes, não se identifica com o feminismo organizado ou acadêmico. Claudia, por exemplo, diz que uma vez foi em uma palestra sobre feminismo e não se sentiu incluída na discussão e também não entendeu o que aquelas mulheres queriam dizer por terem uma linguagem acadêmica: “ [As feministas da palestra] falaram, falaram e eu fiquei lá só dando um tempo. Eu fui no meu primeiro Lady’s Fest e achei incrível! Rolou oficinas, as conversas, as palestras. Aí eu volto pra trás e vejo 'pra onde eu vou de novo?'. Eu não vou mais pra aquele lugar que eu tinha ido e vou de novo no próximo Lady’s Fest.”. Elisa também reclama do descaso de alguns grupos feministas organizados com as feministas *riot grrrls*. Relata que a banda Dominatrix foi

convidada para tocar em uma comemoração do 8 de março, em São Paulo, e que a banda não foi respeitada pelas organizadoras do evento que modificaram a agenda sem informar as integrantes da banda, diminuíram o tempo de apresentação também sem consultá-las e quando questionaram o por que desse tratamento diferenciado já que elas também eram feministas, ouviram que o feminismo que elas faziam não era uma coisa séria.

O *riot grrrl* é inovador na questão etária e em seu formato como uma cultura específica. Entretanto, herdam muitos dilemas de gerações feministas anteriores. Uma delas é essa questão da violência contra a mulher. É uma preocupação recorrente e o assunto muito abordado por elas e de várias maneiras. O “Bendita zine”, por exemplo, é um espaço virtual para que mulheres vítimas de violência sexual possam fazer seus relatos anonimamente:

“Pretendendo acabar com o abismo entre os números produzidos por grandes corporações e as pessoas que diariamente sofrem. Acabar com o misticismo de que violência contra a mulher só é praticada em barracos sujos, por homens bêbados. Este projeto veio para mostrar que isso acontece muito mais do que imaginamos e principalmente, bem embaixo dos nossos narizes. E para perceber isso não precisamos de estatísticas ou boletins policiais, precisamos simplesmente olhar com mais atenção ao nosso redor. O Bendita pretende mostrar às pessoas o que realmente acontece além desses dados superficiais, e esta é nossa contribuição para a luta contra a violência praticada à mulher. Pretendemos sim, acabar com estes crimes e começamos por mostrá-los à sociedade.”⁹⁸

⁹⁸ www.benditazine.com.br

A prática de auto-defesa para mulheres, o *wen-do*, não é algo exclusivo das *riots grrrls*, é uma prática feminista em que as *riots grrrls* aderiram amplamente, havendo oficinas até mesmo no festival Lady Fest.

A idéia surgiu na década de 60, por meio de mulheres de uma família canadense que treinava artes marciais que, indignadas com um caso de uma vizinha que fora violentada, espancada e morta, desenvolveram técnicas específicas para que as mulheres pudessem se defender sem necessidade de força ou condicionamento físico. Além da prática da auto-defesa, é também “um espaço para que as mulheres possam entender as causas desse tipo de violência, partilhar suas experiências, fortalecer sua auto-estima e descobrir a força que existe dentro delas mesmas” (Coletivo Wen-Do SP). A partir daí, vários grupos autônomos do mundo todo fazem oficinas aplicando as técnicas. No Brasil, há coletivos de *wen-do* em Salvador, em João Pessoa, em Curitiba e em São Paulo. Em São Paulo, o Coletivo oferece treinos regularmente na sede da União de Mulheres de São Paulo, grupo este, inclusive, referência na luta contra a violência contra a mulher.

A prática é exclusiva para as mulheres e uma das exigências para se participar é não falar sobre as técnicas com nenhum homem, uma vez que grande parte da violência contra mulher é cometida por homens de seu convívio, do âmbito familiar e doméstico. Também trata da questão da violência através da realização de oficinas de defesa pessoal para mulheres. Além das técnicas de defesa, é também um espaço para se discutir a questão e de compartilhar experiências a respeito.

O respeito ao corpo, aos seus limites e, principalmente, dar o limite, impor o espaço de aproximação e de distanciamento são questões importantes para o *wendo*. Uma outra questão, fundamental, é a afirmação positiva, ativa e forte desse corpo. Pretende-se quebrar esterótipos de

fragilidade, submissão e passividade do corpo da mulher, incentivando as garotas presentes a perceber seu próprio corpo de uma forma diferente, outra. A idéia é desconstruir o *status quo* e reconstruir um corpo forte. Ressalta-se a todo momento a importância dessa idéia, tanto para auto-defesa, como para a vida em geral. Não há uma separação entre pensamento e corpo e, uma vez compreendida a importância de uma postura corporal forte (que inclui postura ereta e confiante ao invés de uma andar envergado, um olhar firme, olho a olho ao invés de cabisbaixo, que são posturas frágeis), isso significa uma nova postura frente à vida.

O formato do treinamento reúne práticas já antigas no feminismo como, por exemplo, a frase “Não é não”, tão conhecida no feminismo brasileiro a partir das denúncias de violência doméstica, que ocupou toda a década de 80 e desembocou na criação do SOS Mulher e depois nas Delegacias da Mulher. Outra semelhança é o formato da oficina, que muito se parece com os grupos de reflexão, em que se estimula uma análise a partir de relatos pessoais; na conversa final da oficina de *wendo* pediram às mulheres presentes suas impressões sobre a oficina, discutiram-se as causas da violência e houve depoimentos pessoais.

A oficina de “Consenso Sexual para Jovens Lésbicas” é reveladora ao trazer à tona que a “violência doméstica” não é exclusiva dos casais heterossexuais, que pode ocorrer também em relacionamentos afetivos entre duas mulheres. Trata-se de um viés que, ao colocar a mulher também no papel de agressora, se contrapõe ao tradicional discurso feminista que trata a questão em termos de vítima/opressor – mulher/homem. Essa oficina causou um impacto tal dentro do feminismo em geral, que as garotas que a realizam foram convidadas para ministrá-la no 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, em outubro de 2005 e também ganhou o “Prêmio Cidadania em Respeito à Diversidade”, na categoria Inovação, da Associação da Parada

do Orgulho GLBT de São Paulo (APOGLBT SP), em 2006. Vejamos a introdução do relatório dessa oficina:

“Viver situações de envolvimento sexual/afetivo faz parte do nosso dia-a-dia, falar sobre isso também deveria ser natural. Mas nem sempre é assim. Em relações heterossexuais, a idéia de estabelecer limites já é amplamente discutida no movimento feminista, mas será que esses limites ficam tão claros assim nas relações entre duas garotas?

Analisar essas relações, combater o machismo e criar mecanismos que tornem possível o diálogo é o desafio da oficina de consenso sexual para jovens lésbicas. Desde março de 2005, Geisa França e Elisa Gargiulo organizam encontros onde mulheres podem dividir suas experiências e identificar situações de agressão. Conversas que têm revelado que todas, em algum momento, podemos assumir papéis de agressoras ou agredidas.

Perceber isso é um dos grandes objetivos que o workshop vem atingindo. É comum, durante as atividades, garotas se darem conta de como algumas situações aparentemente normais foram, na verdade, violentas. A partir daí, ampliar o debate e multiplicar essa percepção acaba se tornando natural e necessário.

Tomar para si a responsabilidade por atos que podemos ter cometido, entender que “não é não” e destruir os mitos que permeiam o flerte são algumas das regras do consenso. Mas afinal, o que é consenso?

Difícil definir, não há uma resposta pronta. A idéia é justamente construir este conceito, criando espaços que possibilitem a troca de informações e ajudem a entender e analisar situações confusas. Até porque, consenso é algo muito particular de cada relação e deve ser feito de acordo com as necessidades e escolhas do casal.

O caminho para resolver nossas encanações é começar a falar sobre elas. Temos que viver nossa sexualidade com prazer e saúde. Quando deixamos alguns mitos de lado e nos permitimos curtir, dividindo aquilo que nos incomoda, a relação melhora e todo mundo sai ganhando. Já sabemos que sexo é bom, basta aprender que conversar sobre isso também deve ser.”⁹⁹

4.2 Sexualidades e Gêneros – Desestabilização das identidades fixas

⁹⁹ <http://www.quiteria.com.br/blog/index.html>

Como podemos deduzir por essa oficina do “Consenso Sexual para Jovens Lésbicas”, há uma presença significativa de lésbicas entre as *riots grrrls*. Tanto que se fala até mesmo em uma vertente *riot grrrl*, o *dyke*¹⁰⁰ *rock*, que é, como define a banda “Bonsai Kittens” em uma entrevista em sítio virtual¹⁰¹, uma “cultura feminista sapatão”. Para além do protesto contra a homofobia via reivindicações de direitos, sua resistência se dá através da construção de uma cultura de mulheres.

Projeto Sapataria não é apenas uma festa para meninas, mas um espaço de exposição da cultura dyke que a cada dia mostra mais a cara no cenário urbano contemporâneo. Estamos aqui para mostrar que as sapatões têm uma tradição própria que, nos silêncios de uma lenda mal contada, resiste e se alastra, legando ao mundo uma história real e única de mulheres independentes e criativas que nunca se contentaram em vestir os rótulos de passividade e submissão.¹⁰²

Outro exemplo é o “Alastras”, um zine de crônicas urbanas sobre o amor entre mulheres. As questões que permeiam a construção de uma identidade lésbica como visibilidade, consolidação de um espaço em que uma cultura própria possa ser vivenciada estão muito presentes na cultura *dyke* paulistana e estão pautadas pelo feminismo da cultura *riot grrrl*.

As falas e práticas *riot grrrls* identitárias acerca da homossexualidade e da heteronormatividade flertam muitas vezes com a possibilidade de não se ter uma identidade. Metade de minhas entrevistadas se assumem bissexual e a questão para elas é a possibilidade de

¹⁰⁰ Originalmente uma gíria pejorativa, que relacionava lésbicas a “mulheres masculinas”, algo próximo de “caminhoneira” na gíria brasileira. O termo foi reapropriado afirmativamente pelas lésbicas.

¹⁰¹ www.obaoba.com.br/noticias/entrevistas_detalhes.asp?ID=20827

¹⁰² <http://sapataria.webs.com/projetosapataria.htm> Esse projeto surgiu no fim de 2007. Assim como ele, há dois outros eventos-festas atualmente em São Paulo com o mesmo caráter de visibilidade da cultura dyke. Um é o “Tête-à-tête” e o outro “Chá com Bolachas”.

sexualidades que não sejam fixas, nem definidas, como afirma Marcela: “Você não se apaixona por um sexo, você se apaixona por uma pessoa”. Bem poucas se definem apenas como heterossexual. As raízes da presença dessa reivindicação na cena *Riot* se dão movidas tanto pela ideologia punk, quanto pelo feminismo, já que ambos condenam o preconceito por orientação sexual.

A principal abordagem do tema se dá com base no respeito às diferenças individuais, como fica bem claro nessa passagem: “Precisamos acabar com o preconceito e criar um ambiente de igualdade, onde diferenças não sejam motivos de opressão. Infelizmente, ainda não existem fórmulas mágicas para que isso aconteça, mas façamos nossa parte, respeitando (...)” (zine *Liberta-te Maria* p. 7).

O texto publicado no fanzine “Crime do Amor Louco” #2, intitulado “Hino à boa e velha ultraviolência”, questiona profundamente a aplicação do conceito de *heteronormatividade*, segundo o qual a prática heterossexual é a única expressão afetivo-sexual aceitável, como sendo um princípio castrador da liberdade sexual:

“Ordem completa: seja hetero! A sociedade é que manda. Seja Hétero! Esse é o ideal de felicidade, de alegria e maturidade. Ser hetero. Quem é hetero. Quem é hetero? Eu? Você? Meu pais? Seu pai? Todos somos Hetero??? Será? Não! Não somos. Eu não sou. Você não é. Minha mãe não é. Nossos pais não são. Você não é a sexualidade. Você vive nela. Nada é hetero. Nada é homo. Mas todo prazer é felicidade pura. É auto-satisfação. Que se dane o padrão heterossexista. Seja você! Agora! Dê! Coma! Chupe! Beba! Seja você. Viva você mesmo. A vida é sua. O prazer é seu. Viva seu

prazer. Essa é uma das poucas liberdades individuais que nos resta. As outras são felicidades de consumo, queira você ou não. Seja hetero. Seja homo. Seja bi. Seja o que quiser. Invente. Crie uma nova categoria. Você pode. O sexo é incontrolável. Vamos subverter as regras sexuais. Seremos o que quisermos. Exploda os padrões sexuais. Vamos tocar fogo no sexo comportado. Trepe de quatro. Trepe de três. Faça sexo anal. Viva o sexo oral e todas as formas bucais de prazer! Torne cada sexo que você faz inesquecível. Faça da ordem uma desordem. Se realize! Seja feliz.”

Acompanhemos a auto-definição de algumas bandas do cenário riot grrrl:

Siete armas é: rock n' roll psicodélico suburbano dançante assexuado margina-apaixonado tensodramático multicolor libertário anárquico libertino herege eloquente astrológico multiétnico galáctico-espacial texano budista ecológico universal pró-alma veggio-macrobiótico ocidental contraditório mutante renascentista impressionista pós-moderno cinematográfico praiano interiorano-paulistano e blues.¹⁰³

Cínica: banda de quatro meninas que fazem punk rock dançante mixando em suas músicas identidades tanto masculina quanto feminina em um mundo cheio de padrões e classificações.

Percebemos nesses atos performáticos, que desliza entre o “masculino” e o “feminino”, uma desestabilização das identidades estáveis e fixas de gênero. E, ainda, ao rejeitar

¹⁰³ Definição encontrado no perfil da banda na site de relacionamentos Orkut.

ou caricaturizar noções tidas culturalmente como “feminino” e inatas às mulheres como docilidade, meiguice, fragilidade, elas subvertem a noção de gênero comumente associada à socialização das garotas.

Em um outro exemplo, que aparece no zine *Megafemme* (núm.1/outubro de 2006), a zineira também expressa uma ruptura com a idéia de identidade fixa e de diferenças essenciais, ao mesmo tempo em que o reproduz em certa medida, também recria e nomeia:

“Butches não são mulheres que desejariam ser homens. Butches são mulheres que se sentem mais à vontade com comportamentos tidos como masculinos.... sequer são sempre lésbicas, visto que muitas mulheres heteros preferem esse mesmo jeito simples e direto de se expressar e vestir.

Femmes, do mesmo modo não são mulheres à espera de um homem pra lhes mostrar as maravilhas da vida heterossexual. Femmes, são mulheres que se sentem atraídas por mulheres, e ao mesmo tempo gostam do papel tradicionalmente feminino criado pela sociedade. Muitas vezes, femmes se sentem atraídas por butches e vice-versa, mas simplesmente porque esta parece ser uma boa combinação de energias, e não porque desejem imitar modelos heterossexuais.

São dois tipos culturais que, é claro, não existem em estado puro, sendo cada mulher uma mistura das duas tendências de comportamento e aparência; ou nenhuma delas como a androginia demonstra.”

Essa idéia de uma diferença essencial é desconstruída por Scott, seguindo a linha da lingüística estruturalista de Saussure, ao afirmar que o conceito de diferença se baseia na noção de que o significado é construído através do contraste, que pode ser implícito ou explícito,

trabalhando com a idéia de que uma definição positiva se apóia em sua negação ou repressão de algo que se representa como antitético:

“As oposições se apóiam em metáforas e referências cruzadas; e no discurso patriarcal, com freqüência a diferença sexual (o contraste entre masculino e feminino) serve para estabelecer significados que não estão relacionados com o gênero ou o corpo. Dessa forma, os significados do gênero se vinculam com muitos tipos de representações culturais e, por sua vez, estas estabelecem termos através do quais as relações entre homens e mulheres são organizadas e entendidas”¹⁰⁴

Além disso, tais oposições fixas ocultam que os termos apresentados como opostos são, na verdade, interdependentes e hierárquicos: o significado de um termo depende de um contraste estabelecido, não de algo inerente ou de uma simples antítese.

Dessa forma, se o elemento masculinista do *punk* era antes utilizado para intimidá-las, agora elas se reapropriam dele no que concerne à sexualidade e ao gênero, ao mesmo tempo em que desconstrói e reconstrói desestabilizando as noções fixas masculino-homem, feminino-mulher reinventando as possibilidades do que uma mulher pode ser. Esta desestabilização não quer dizer que elas ignorem as relações de poder que envolvem questões de gênero ou de orientação sexual.

4.3 Empoderamento *rock-feminista*

¹⁰⁴ SCOTT, J.W. “Igualdade *versus* diferença: os usos da teoria pós-estruturalista”. In: *Debate Feminista (Cidadania e Feminismo)*, n. especial, 2000. (p. 207/208)

Essas construções de possibilidades estão envolvidas numa idéia de “empoderamento” das garotas. Idéia esta que parece nortear o que para elas, as *riot grrrls*, é o feminismo. A mostra de vídeos do terceiro festival Lady Fest em São Paulo, por exemplo, é uma boa amostra das questões pelas quais o feminismo *riot grrrl* constrói práticas e linguagens, definindo uma cultura juvenil feminista. Os vídeos, produzidos por várias garotas que se inscreveram para se apresentar, foram os que mais discutiram o tema do festival, “Tire sua própria virgindade”, enfocando os tabus e as diferenças de gênero com relação à virgindade. Houve vídeos também sobre homossexualidade e transexualidade, muitos trabalhavam os preconceitos que rondam os gêneros e as sexualidades.

A mostra de vídeos nos parece agregar duas questões, que estão relacionadas, dessa cultura juvenil. Uma, e a mais óbvia, é que aborda temas que discutem as relações de gênero no universo daquelas garotas. A segunda importância é com relação ao “empoderamento das meninas”, que é a proposta pujante do Lady Fest e do feminismo *riot grrrl*. Muitos vídeos foram produzidos por garotas que nunca tiveram contato com câmeras e filmagens antes e o fato de poderem apresentar seu material no Lady Fest se caracteriza como um incentivo para que elas. É mais uma forma de trabalhar a idéia de que as mulheres são capazes e podem desenvolver as atividades que quiserem, de descobrir aptidões que dificultadas ou negadas pela assimetria de poder entre as relações de sexo, de questionar padrões de gênero e de que as mulheres são pouco aptas a desenvolver atividades ligadas à tecnologia, por exemplo. Outro ponto alto desse estímulo ao empoderamento das garotas no Lady Fest é o domínio dos instrumentos musicais e a formação de bandas:

“São ensinadas noções básicas de guitarra, cifras, pedais, equalizações, diferença entre timbres, sons para quem não tem experiência nenhuma no instrumento, tudo de uma forma bem funcional e prática. Tudo sob uma perspectiva de empoderamento feminista e roqueira no independente, é uma idéia que nasceu para encorajar meninas a desenvolverem plenamente todas suas potencialidades da vida através da música. Guitarra para meninas!! Venha se aventurar!!” (Apostila da oficina de guitarra oferecida por Flávia dos Santos e Mayra Vescovi, da banda Biggs, realizada na terceira edição do Lady Fest em São Paulo).

Da mesma forma, as oficinas de outros instrumentos, as de noções de skate, as já mencionadas de wendo, do consenso sexual para jovens lésbicas, a apresentação das bandas, a exposição, divulgação e trocas de zines estão amparadas na idéia de que unidas podem rediscutir e apresentar uma nova forma de se pensar as relações humanas de uma perspectiva feminista. Nesse sentido, o festival Lady Fest é um evento que concentra boa parte das atividades *riot grrrls*, uma fonte importante por revelar a dinâmica da cultura feminista *riot grrrl*.

A união entre as garotas funciona como uma ferramenta para seu “empoderamento feminista”.

“É você inspirar e dar força pra quem quer começar. Porque mulher no rock é uma coisa que eu sentia falta. Porque, pô, eu gosto de rock, sou menina, eu toco. E o que eu via na tv? Via Charlie Brown, Titãs, só homem. Então é isso que me encanta, uma menina passar a mensagem pra mais meninas. E não é restrito, não é só mulher que pode ir ver o show. Mas, eu acho que inspira até de uma forma

involuntária. Uma mina te vê tocando, ela fala “puta, meu, essa mina tá tocando, eu também posso.” (Débora, em entrevista)

“Eu sei que sempre fui feminista pelas minhas atitudes pessoais. Quando eu conheci realmente as feministas, o feminismo, as bandas, eu vi realmente que eu podia ser muito mais que eu já era. Então isso me deu muita força pra construir mais. E não só na minha vida, construir na vida das pessoas que eu gosto: das minhas amigas, das minhas namoradas, das amigas das amigas. Aí eu vi que isso era uma cena, uma comunidade, uma irmandade. Você tem um monte de meninas, compartilhar suas experiências, ajudar, ser ajudada, conversar, ouvir. É uma coisa muito unida.” (Claudia, em entrevista)

Várias das atividades *riot grrrls* são exclusivas para meninas. Somente os shows de bandas e a circulação de zines e de outros materiais escritos que são divulgadas de forma mais livre são abertas aos garotos. Reconhecem como necessário um espaço de mulheres em que suas questões específicas de gênero possam ser trabalhadas por elas mesmas. O lugar de fala é colocado em destaque, posicionar-se, fazer valer o que pensa, questionando o silêncio que encobre várias demandas das mulheres. Esse ponto parece marcar o que elas qualificam como uma identidade *riot grrrl*, rejeitam o status de vítima e apostam em estratégias de novas sociabilidades de gênero:

“Por que sou uma riot grrrl? Porque eu tomo iniciativa... Porque meu ideal de vida se baseia no respeito, não na passividade”(Equality zine, num.8, SP, 1998).

“Não tolere, não aceite, não ignore, não deixe passar, não suporte, não agüente, não se cale! Grite!!”. (Descarga zine, num. 4, SP, 1999).

“Eu sou aquela ‘coisa sem vida’ que você achava que nunca iria se mover e agora você me crucifica porque eu ‘não me comportei’”(Música: Perto demais para pular, Banda Dominatrix).

“Faça o que tiver vontade. Mostre o que você pensa. Tenha a sua personalidade. Não se esconda atrás de um homem! Punk rock não é só pro seu namorado! Punk rock não é só pro seu namorado!”. (Música: Punk Rock, Banda Bulimia).

“Three things you should learn: Riot Grrrl will never die. Every girl is a riot grrrl. Stop boys violence!” (Música: Patriarchal Laws, Banda Dominatrix).

“Nós não queremos ser iguais. Com união nos tornaremos reais. Com união é mais fácil mudar”. (Música: União, Banda Bulimia).

“Procure entender. Entender o quê? O que se passa com você!”(Cosmogonia).

“You don’t need to have the same opinion. You can be yourself” (Música: Façade, Banda Surface)

Dessa forma, várias questões são por elas discutidas numa perspectiva de gênero que aponte para a desconstrução e conseqüente empoderamento das garotas riot grrrls. Muitas dessas questões apresentam um recorte juvenil, como podemos elencar:

Padrões de beleza

O Brasil é um dos países que mais faz cirurgia plástica por razões estéticas no mundo e as jovens ocupam parcela considerável nessa estatística (13% segundo a Associação Brasileira de Cirurgia Plástica). Os distúrbios alimentares, cada vez mais recorrentes e que têm se tornado uma preocupação para a sociedade, têm como principais vítimas as jovens mulheres. As revistas *teens* ocupam suas páginas com receitas para emagrecer, dicas para ter uma barriga sarada ou a forma pedida para o próximo verão.

Há, portanto, certa imposição social de um determinado padrão de beleza voltado para as garotas que se revela um tanto quanto violento. Obviamente, nem todas as garotas conseguem atingir esse ideal de beleza, comprometendo de forma negativa a construção de sua auto-estima. E se a idéia do riot grrrl é o fortalecimento das identidades das garotas, os padrões de beleza não poderiam passar incólumes:

“Don’t buy a zine that says to you that you have to wear makeup” (Música: No MakeUp Tips, Banda Dominatrix).

“Somos mulheres e não apenas corpos. Temos cérebros, não apenas seios. Somos mulheres e não utensílios. Fazemos o futuro e não apenas filhos. Somos mulheres e não vagabundas. Temos talento, não apenas bunda.” (Música: Mulheres, Banda Cosmogonia).

Em entrevista, Débora afirma:

“É um lado B da história, que você não vê na TV, não vê na [revista] “Capricho” e que você pode ser diferente disso. Até então eu não conhecia, eu não sabia que eu poderia ser do jeito que eu sou. Eu me senti livre pra ser o que eu era, e era isso que me faltava em tudo que eu tinha acesso. O feminismo me trouxe esse outro lado.”

Há, em certa medida, uma contrariação do que é beleza. Muitas vezes o freak e o estranho são o que elas desejam ser. Na verdade, a idéia é criar um ambiente em que os corpos se sintam à vontade, que as intervenções estéticas sejam feitas por prazer e não por imposição, ainda que se crie, muitas vezes, até mesmo um tipo de padrão interno:

“Mesmo que quatro meninas do show estejam todas iguais, por exemplo, mesmo corte de cabelo, mesmo tipo de cinto, mesmo tipo de bolsa, mesmo que elas sejam parecidas, elas são diferentes do que elas foram obrigadas a ser quando saíram de casa. A mãe delas não ensinou elas a se vestirem daquele jeito, aposto! Então é uma maneira dela colocar pra fora uma coisa dela. Tudo bem que ela sofreu influencias do meio. Todas as meninas do rock elas são parecidas, mas uma coisa era ela voltar pra casa e continuar com aquilo. Ela poder ter autonomia sobre o corpo dela, sobre as vontades dela.” (Claudia, em entrevista).

Educação Sexista

A educação diferenciada que as famílias oferecem aos meninos e meninas é alvo de questionamentos entre as riots grrrls por ser uma educação que trata as diferenças entre meninos e meninas como “naturais”, reforça os estereótipos de gênero, moldando as (os) futuras (os) adultas (os):

“Quando lembro de minha infância, vejo minha Barbie, um sonho de criança. Bonequinha e panelinhas, aprendi desde pequenininha. Eu não sou um objeto.(...) Sua autoridade, seu machismo, não suporto, eu rejeito. Devolva a minha vida, eu não lhe pertencço!
(Música: Eu não lhe pertencço, Banda Araukana).

As riot grrrls não vão apenas negar esse determinismo biológico, como vão também desestabilizar as identidades de gênero ao se reapropriarem das características tidas culturalmente como masculinas. Rejeitando a docilidade, meiguice, fragilidade como características inatas das mulheres, subvertem a noção de gênero associada à socialização das garotas.

“As Riot Grrrls fazem questão de não serem mostradas como bonitinhas, fofinhas, sensíveis, comportadas. Elas defendem um novo tipo de feminismo mais agressivo, essas garotas batiam de frente com as antigas feministas que pregavam a não-violência. Tanto que fazem músicas falando de sexo, pornografia e vestem coturno com lingerie, e tão pouco se lixando para o que os outros pensam e sim para o que estão passando a outras garotas. O que elas passam? Que pelo fato de você ser mulher, não justifica você ser um ser totalmente vulnerável, meigo, cor-de-rosa e robótico, você é o que você quiser ser, mas seja!” (Zine *Riot*)

O feminismo riot grrrl foi analisado neste capítulo a partir de alguns eixos de análise: seu envolvimento com a música, sua linguagem jovem e o ativismo cotidiano, configurando, assim, uma cultura juvenil. Outro aspecto trabalhado foi a forma como as riots grrrls discutem e lidam com questões de sexualidade, suas críticas com relação à heteronormatividade e a tentativa de uma desestabilização dos gêneros. O feminismo riot grrrl está envolvido numa idéia de empoderamento das garotas, possível a partir de uma união das mesmas e da construção de um espaço em que suas demandas possam ser debatidas e reelaboradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busquei nesta pesquisa situar as condições de surgimento de um novo feminismo juvenil na cidade de São Paulo, a cultura riot grrrl, e investigar sua dinâmica e suas questões. A análise da cultura juvenil feminista riot grrrl permitiu romper com a idéia comum de um encerramento do feminismo na década de 1970. A partir desta pesquisa foi possível pensar na existência de uma história das idéias feministas no Brasil e em como estas idéias são atualizadas pelas novas gerações.

Desde a década de 1970 o feminismo discute as especificidades que atravessam as identidades de gênero e uma nova categoria identitária vem ganhando força no feminismo: a juventude. O feminismo riot grrrl se posiciona ao lado de outros grupos jovens que reivindicam visibilidade, reconhecimento de suas questões e até mesmo uma reflexão crítica das relações de poder e as hierarquias inseridas no próprio feminismo.

As temáticas feministas abordadas pelas riots grrrls não se diferem substancialmente das de algumas correntes feministas da década de 70. Como bem afirma Scott, o feminismo pode ser entendido como uma interação constante entre os padrões recorrentes de exclusão e uma articulação sempre variável de temáticas¹⁰⁵.

¹⁰⁵ SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Tradução de Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

Assim como as igualitárias, o feminismo riot grrrl se preocupa mais com a ação do que com uma análise aprofundada das desigualdades. É com as feministas radicais, sobretudo, que pode-se identificar paralelos com o riot grrrl: o fim do determinismo biológico como explicação para as desigualdades de gêneros, a família como o princípio da opressão comum das mulheres, a crítica à heterossexualidade compulsória juntamente com a idéia de que a orientação sexual é, antes de tudo, uma escolha política (em especial a vertente *dyke rock*), as abordagens mais recorrentes como violência doméstica, prostituição e incesto.

A noção de que o “o pessoal é político” é a principal relação que pode ser estabelecida entre o feminismo riot grrrl e as feministas igualitárias. As riots grrrls levam às últimas conseqüências esta premissa feminista em que o cotidiano é além de fonte de temáticas é também o lugar preferencial de ação. O feminismo para elas não se resume a uma bandeira política, mas se caracteriza em um estilo de vida, constituindo uma cultura juvenil em que a identidade feminista é elaborada.

A mesma afinidade não é observada com o feminismo da femitude e sua valorização da feminilidade e do maternal. Pelo contrário, as *riots grrrls* se posicionam criticamente com relação às normatizações de gênero e subvertem os padrões culturais de socialização das garotas em que são exigidos características como doçura, fragilidade, entre outros. Nesse sentido, as *riots grrrls* se assemelham mais das correntes em que questionam as identidades fixas e estáveis de gênero, muito embora elas reconhecem uma opressão específica contra as mulheres definida como “machismo”.

O formato das oficinas organizadas pelas e para as *riots grrrls* as aproximam dos grupos de reflexão, estilo que marcou os feminismos dos anos 70 na Europa e no Brasil: informalidade e construção de um espaço exclusivo para mulheres trabalharem suas questões. A

grande atenção das *riots grrrls* com relação as questões de violências contra as mulheres é outro ponto que as relaciona com outras feministas brasileiras. As manifestações de rua, a criação do SOS Mulher e, em seguida, das Delegacias da Mulher, na década de 80, revelam a grande demanda de energia que as feministas deste período dispensaram para a questão da violência. Vinte anos depois as feministas *riot grrrls* continuam a se debruçar sobre a mesma questão, repetindo o dilema de suas precedentes.

Para além das similaridades entre o feminismo *riot grrrl* e outros feminismos, o *riot grrrl* possui características que o singulariza e traz elementos inovadores para o feminismo atual. Como vimos, verifica-se uma profissionalização do feminismo atual no Brasil, possibilitado principalmente pela criação das organizações não-governamentais: “As palavras de ordem de autonomia e novos métodos de fazer política foram esquecidos e os grupos 'minoritários' transformaram as ONGs em alternativas de trabalho, em estratégias de sobrevivência – um meio de vida.”¹⁰⁶

A formação de uma cultura feminista é algo inédito no Brasil. Um feminismo se configura num estilo de vida que envolve música, escritos, estética, ativismo cotidiano, construção de espaços específicos para discutir suas demandas se apresenta como alternativa ao feminismo ongueiro, em muitos casos tutelados por instituições internacionais de financiamento ou ao feminismo que busca soluções via governo, através de políticas públicas, que embora necessárias, ao se constituir como única estratégia política limita as possibilidades de militância que o feminismo pode vir a ter.

Nesse sentido, se, por um lado, a cultura feminista *riot grrrl* compartilha com outros grupos de feministas jovens no Brasil a necessidade de incluir nas demandas do feminismo e das

¹⁰⁶ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Op cit. p.

questões das mulheres uma perspectiva de juventude, por outro lado se diferencia destes grupos uma vez que estes se conformam também em ONG's, em militância partidária ou na esfera das políticas públicas.

ANEXOS



Figura 1 - Kathleen Hanna – Banda Bikini Kill



Figura 2 - Banda Bratmobile

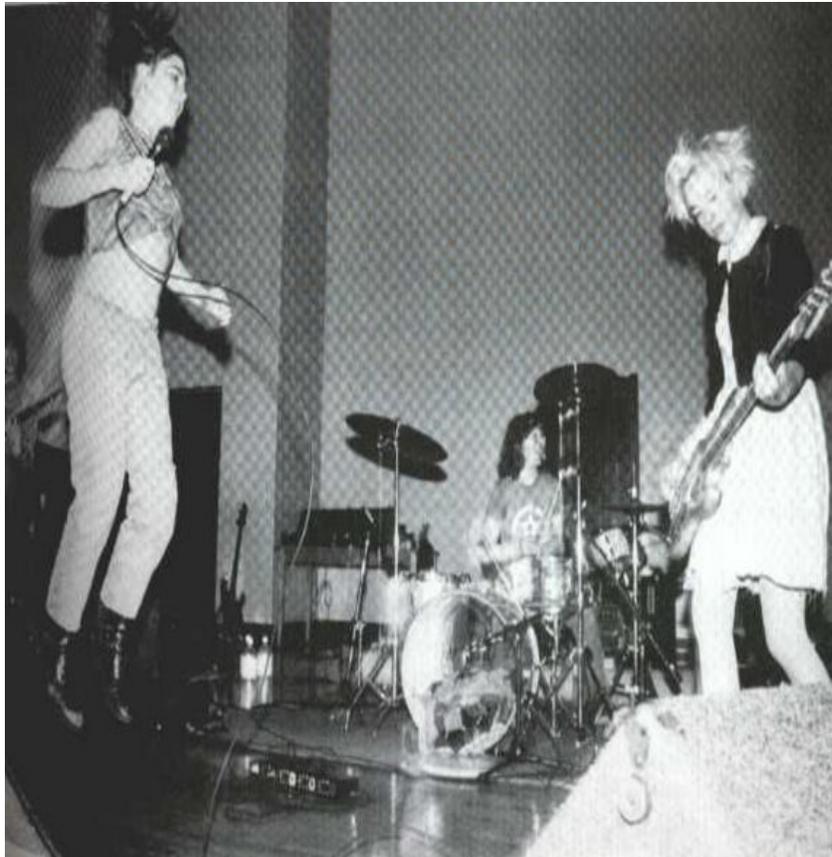


Figura 3 - Banda Bikini Kill



Figura 4 - Banda L7



Figura 5 - Beijo lésbico no Lady Fest 2007



Figura 6 - Dominatrix



Figura 7 - Débora e Claudia¹⁰⁷



Figura 8 - Flyer do Projeto Sapataria

¹⁰⁷ Entrevistadas da pesquisa, durante apresentação da Santa Claus, LadyFest/2007 – foto de Silvia Silveira

Figura 10 - Zine Com Texto

LEMBRANÇAS PROIBIDAS

VOCÊ ME FEZ EXPERIMENTAR COMO CENSO
O PRAZER AGINDO COMO UM HOMEM MAS
POR MUITO TEMPO ACREDITEI QUE O QUE
VOCÊ FAZIA NÃO FOSSE MAL DE MAL
VOCÊ APROVEITOU TODA A MINHA INEXPERIÊNCIA
E ME ENSINOU A DESCOBRIR CERTAS COISAS
MUITO ANTES DE TODAS AS MINHAS AMIGAS
QUE SU FORAM CONHECÊ-LAS QUANDO ADULTAS

VOCÊ SE APOIOU NAQUELE MUITO VÍCIO
PRA FAZER O QUE GOSTAVA COMIGO
E ME CONVENCEU A FICAR SEMPRE CALADA
COM AS SUAS DESCULPAS TOTALMENTE ESTARRAPADAS
VOCÊ NÃO PRECISOU USAR A SUA FORÇA
POR CONSEGUIU GANHAR A MINHA CONFIANÇA
SEM AMEAÇAS VOCÊ FOI UM GRANDE GÊNIO
MAS NUNCA TEVE NENHUM RECONHECIMENTO

VOCÊ FERIU GRAVEMENTE TODA O MEU SER
E ME DEIXOU COM UMA ENORME CICATRIZ
QUE FICOU MARCADA EM MINHA ALMA
COM A BRASA VISTA DO SEU CORPO
VOCÊ ME VIU NASCENDO E ME PÔS NO COLO
EU TE VI MORRENDO DE CIRROSIS NO HOSPITAL
SUAS LÁGRIMAS DEMONSTRARAM UM PEDINHO
DE PAZÃO QUE EU JAMÁS VIVI DE SUA BELA

VOCÊ ABUSOU DURANTE TODA A SUA VIDA
E SE ARREPENDEU SOMENTE NA HORA DA MORTE
NÃO ACHO JUSTO EU TER QUE TE PERDER
CMBORA EU SINTA MUITA PENA DO VOCÊ
VOCÊ INCOMODOU A VIDA DE MUITAS PESSOAS
DE DIVERSAS FORMAS QUE CONSEGUIU
MAS FOI SU PRA SUA META QUERIDA
QUE VOCÊ DEIXOU LEMBRANÇAS PROIBIDAS



BELEZA IRLANDESA

MUITO TEMPO SE PASSOU. E EU ACHOVA QUE JÁ NUNCA ME RECUPERARAO
MAS QUANDO TE REENCONTREI, O MEU PEITO SE DESPERDEU
VOCÊ CONTINUA LIVRE, E EU CONTINUO PORA AO SEU LADO
MINHAS UNHAS FICAM TRÊMULAS, E O MEU ROSTO TODO CORADO
FICOU NO ME TUDO O QUE EU VIVI

EU DEI QUE ME PRECIPITEI AO LHE MOSTRE OS MEUS SENTIMENTOS
E DEPOIS DE TODOS ESSES MESES, TUDO O QUE EU SENTIA CONTINUA VIVO
CONHECI OUTRAS GAROTAS, MAS NENHUMA CONSEGUIU TE TIRAR
DAQUI DE NENHUM DO MEU PEITO. E EU DEI QUE VOU NUNCA CONSEGUIRA

micromedical (c) 1993 (c) 1993

Figura 11 - Projeto Santa Claus



Figura 12 - Informativo da Oficina Consenso Sexual para Jovens Lésbicas



Figura 13 - Hysterocracya zine

LISTA DE FONTES

Álbum: Girl Gathering. Banda: Dominatrix

Álbum: HC Scene 2. Banda: Surface

Álbum: HC Scene 2. Banda: Araukana

Álbum: Trabalhar para Morrer. Banda: TPM

Álbum: Ensaio de 97. Banda TPM

Álbum: Reject All American. Banda Bikini Kill

Álbum: Se julgar incapaz foi o maior erro que cometeu. Banda: Bulimia

Álbum: The Real Janelle. Banda: Bratmobile

Álbum: Cosmogonia. Banda: Cosmogonia

Álbum: Kaos Clitoriano. Banda: Kaos Clitoriano

Álbum: Kólica. Banda: Kólica

Zines:

Descarga zine

Atitude zine

Equality zine

Processo de Execução zine

Lilith zine

Choices zine

Luar zine

Libertare zine

Kaóstica zine

Girl's Choice zine

Zine Riot

Equality

Liberta-te Maria

Crime do Amor Louco

Homo Multi Ação

Com Texto

Megafemme

Relatório da Oficina do Consenso Sexual Para Jovens Lésbicas

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1994.

BEAULIEU, Elsa (Comitê de Jovens da Confederação das Mulheres de Québec). “Feminismo e Nova Geração Política”. In: http://www.forumsocialmundial.org.br/dinamic.php?pagina=bal_beaulieu_por

BELZER, Hillary. *Words + Guitar: The Riot Grrrl Movement and Third-Wave Feminism*. Dissertação de mestrado em Artes. Faculty of Arts and Science da Georgetown University.

BIVAR, Antônio. *O que é punk*. 5ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.

CARMO, Paulo Sérgio. “Juventude no singular e no plural”. In: *Cadernos Adenauer*. N. 6, 2001.

CAIAFA, Janice. *Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

CORREA, Mariza. “A natureza imaginária do gênero na história da antropologia”. In: *Cadernos Pagu* (5). Campinas, 1995.

COSTA, Albertina. “É viável o feminismo nos trópicos? Resíduos de insatisfação – São Paulo, 1970”. Cadernos de Pesquisa, n. 66, ago. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1988.

COSTA, Márcia Regina da. *Os “carecas” do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1993.

DESCARRIES, Francine. Teorias Feministas: liberação e solidariedade no plural. In: *Feminismos: teorias e perspectivas*. Textos de História, vol. 8, n. ½, 2000.

EISENSTADT, S.N.. *De Geração a Geração*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

ESSINGER, Sílvio. *Punk: anarquia planetária e a cena brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1999. (Coleção Ouvido Musical)

FEIXA, Carles. *De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud*. Barcelona, Ariel, 1998.

FORACCHI, Marialice. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo: Cia E. Nacional, 1965.

_____. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

FRITZSCHE, Bettina. “Negociando o feminismo pop na cultura jovem feminina: um estudo empírico com fãs de grupos femininos”. In: *Revista Estudos Feministas*. v. 12, n.2. Florianópolis, mai/ago 2004.

GROPPO, Luís Antônio. *Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Difel Ed.

HEBDIGE, Dick. *Subculture: The Meaning of Style*. England: Routledge, 1987.

IANNI, O. “O jovem radical”. In: BRITTO, Sulamita de (org.). *Sociologia da Juventude*. V. 1. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1968. p. 225-242

KOFES, Suely. “Categorias analítica e empírica: gênero e mulher: disjunções, conjunções e mediações”. In: *Cadernos Pagu* (3). Campinas, 1995.

LEBLANC, Lauraine. *Pretty in Punk: Girls' Gender Resistance in a Boys' Subculture*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1999. p. 10/11.

Longman Dictionary of Contemporary English. 3rd Edition. Longman: England, 1995.

[LUNA, Iéri. “E as mulheres jovens, gritam por quê? In: Publicações CFEMEA \(Centro Feminista de Estudos e Assessoria\). Brasília: Fevereiro, 2003. http://www.cfemea.org.br/publicacoes/artigos_detalhes.asp?IDArtigo=8](http://www.cfemea.org.br/publicacoes/artigos_detalhes.asp?IDArtigo=8)

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Tribos Urbanas: metáfora ou categoria*: In: <http://www.n-a-u.org/Magnani.html>.

MANNHEIM, Karl. “Contribuições para a teoria da interpretação das visões de mundo”. 1980
_____. “O problema das gerações”. 1920.

Michaelis Inglês - Dicionário Prático: inglês-português. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2002.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. O Feminismo Político do Século XX. In: Margem Esquerda, n. 9. São Paulo: Boitempo Editorial, junho de 2007. p.p.: 129-143.

MOTTA, Alda Brito da. MOTTA, Alda Brito da. “Gênero e geração: de articulação fundante a “misutra indigesta””. In: FERREIRA, Silvia Lucia; NASCIMENTO, Enilda Rosendo (orgs). *Imagens da Mulher na Cultura Contemporânea*. Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher – NEM FFCH/UFBA, 2002.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense: 1994

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. Trad. Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Ed. Contexto, 2007

PIANO, Doreen Marie. *Congregating women: reading the rhetorical arts of thir wave subcultural production*. Tese de doutorado em Filosofia. Bowling Green State University.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma História do Feminismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Fund. Perseu Abramo, 2003. p.p. 16

ROCHA, Débora Cristina de Melo. “*Girl Gathering: A identidade feminista Riot Grrrl através dos Fanzines*”. Trabalho de Conclusão de Curso para o Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de Sergipe (UFSE).

RUBIN, Gayle. “O Tráfico de Mulheres: notas sobre a ‘Economia Política do Sexo’”. In: *Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da sexualidade*. 1975

SCOTT, Joan. *A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem*. Tradução de Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

_____. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: *Revista Educação & Realidade*. v. 20 (2), jul/dez, 1995.

_____. “Igualdade versus diferença: os usos da teoria pós-estruturalista”. In: *Debate Feminista (Cidadania e Feminismo)*, n. especial, 2000. (p. 207/208)

STERLING, Anne. “Normatizando a sexualidade I”. In: *Duelo – Cadernos Pagu* (17/18). Campinas, 2001/2002.

VARIKAS, Eleni. “Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott”.
In: *Cadernos Pagu* (3). Campinas: 1994.

WELLER, Wivian. “A presença feminina nas (sub) culturas juvenis: a arte de se tornar visível”.
In: *Revista Estudos Feministas*. v. 13, n.1. Florianópolis, jan/abr 2005.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 260-300, 2005.